

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
TECNOLOGIA EM DESIGN DE MODA

**ENTRE TRAMAS: OBSERVAÇÕES ACERCA DO
EMPODERAMENTO LGBTQ COMO DISCURSO ESTÉTICO.**

Acadêmica: Giane de Cássia Urbano
Professora Orientadora: Ms Kellyn Batistela

Florianópolis – SC
2017

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho aos meus pais, minha irmã e minha avó que, sempre estiveram presentes e não mediram esforços para me ajudar a chegar nesta etapa da minha vida. Meu amor por vocês é incondicional.

À minha adorável orientadora Kellyn, por fazer com que eu acreditasse que seria capaz de conseguir alcançar meu objetivo. Por toda paciência, dedicação que teve comigo nas orientações e por sempre me receber de braços abertos, com um lindo sorriso no rosto.

À minha dupla desde o primeiro dia de aula, Camila. Que de colega de classe se tornou uma grande amiga. Sempre me apoiando, me incentivando e me ajudando quando eu mais precisei. Sou grata pela amizade que criamos e pelos momentos inesquecíveis que tivemos e os que ainda virão.

Aos demais professores do curso que foram tão importantes na minha vida acadêmica e também por me passarem todo seu conhecimento durante este período.

Dedico também aos meus amigos, pelo incentivo e pelo apoio que sempre me deram. Em especial ao meu amigo Rafael Silveira, graças a ele, eu criei coragem para dar início a realização de um sonho, que foi cursar moda.

E a todos que passaram pela minha vida durante este período e me ajudaram de alguma forma a concretizar este trabalho.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	2
RESUMO	4
1 INTRODUÇÃO	5
2 PRIMEIRO CAPÍTULO - ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS DA PESQUISA	8
2.1 OBJETIVO GERAL.....	8
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
2.3 OBJETO DE PESQUISA.....	8
2.4 PROBLEMÁTICA DA PESQUISA	9
2.5 METODOLOGIA DE PESQUISA	9
3 SEGUNDO CAPÍTULO - DA TEORIA À MANIFESTAÇÃO ESTÉTICA: A MODA COMO LIBERDADE DE EXPRESSÃO	10
3.1 A BANDEIRA DA CONTRACULTURA.....	10
3.2 SUJEITO LÍQUIDO	12
3.3 DA LIBERDADE DE SE VESTIR.....	14
4 TERCEIRO CAPÍTULO - CENA E AÇÃO: DO DISCURSO À ALTERIDADE DE SUJEITOS ESTÉTICOS	16
4.1 <i>LEIGH BOWERY</i> E A POÉTICA DO DIONISIACO NA MODA	16
4.2 <i>SOU DRAG QUEEN</i>	22
4.3 UM OLHAR SOBRE A TEORIA <i>QUEER</i>	26
5 QUARTO CAPÍTULO - RAINBOW POWER	30
5.1 O EMPODERAMENTO LGBTQ.....	30
5.2 VETORES E DIFUSORES DE MODA RUMO AO EMPODERAMENTO LGBTQ	40
5.4 PARADA DO ORGULHO LGBTQ 2017 - FLORIANÓPOLIS	45
5.5 SENSIBILIZAÇÃO LGBTQ NOS DIAS ATUAIS	51
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
7 REFERÊNCIAS	58

RESUMO

Por trás de tanto preconceito e violência na cena LGBTQ (Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e *Queers*) existe uma luta diária pelos direitos de igualdade social. Em meio às questões de gênero que problematiza a relação de representação dos sujeitos. A teoria *queer* indica um campo de debate para a aceitação de discussões sobre gênero e sobre a liberdade de expressão estética de sujeitos que vão além das categorias de moda. As formas de inclusão são diversas e o empoderamento LGBTQ vem criando forças através de reportagens, letras de música, temas de desfiles de moda ou documentários. Agentes fomentadores de abertura comportamental e estética como Pablio Vittar, Liniker e Linn da Quebrada serão essenciais para detectar dentro do cenário brasileiro da moda possíveis influenciadores estéticos do empoderamento LGBTQ. A realização de entrevista *in loco* com *drag queens* se faz necessário para apontar se de fato esta autoridade de sujeitos LGBTQ acontece na cidade de Florianópolis.

PALAVRAS-CHAVES: ALTERIDADE LGBTQ, EMPODERAMENTO LGBTQ, *DRAG QUEEN*.

1 INTRODUÇÃO

No fim dos anos 60 e início da década de 70, teve-se uma revolução dentro do cenário da moda partindo do que se definiu como “*Glam Rock*¹”. *David Bowie* tornou-se um ícone e epicentro para as transformações que não tardariam a ser referências primordiais ao contexto cultural e artístico nas décadas de 70 e 80. *David Bowie*, com sua personalidade estética excêntrica, rompeu barreiras entre os gêneros, possibilitou grande visibilidade e debate às questões relacionadas entre sexo e vestuário, sexualidade e comportamento e, além disso, continua sendo referência que sinaliza a construção de linguagem autoral, muito importante hoje para se pensar as causas estéticas e políticas relacionadas ao LGBTQ (Lésbica, *Gay*, Bissexual, Travesti, Transexual, Transgênero e *Queer*). É importante lembrarmos que o palco dos interesses por causas inclusivas (muito embora este termo não fosse socializado) já se armava em torno das expressões da contracultura, de opiniões em defesa da liberdade de expressão e repúdio às guerras e opressões, no momento que coincide com a ênfase aos estudos culturais. Em meados dos anos 80, surge o termo *queer* que, “pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se construiu de forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais” (LOURO, 2015, p. 39).

Atualmente, a expressão *queer* engloba grupos que transitam por discursos de inclusão dentro da sociedade que os julga como minoria. Grupos que falam de questões de raça (sujeitos latino-americanos, negros e afrodescendentes), gênero e sexualidade. Surgindo assim o *Queer of Color*, que tem o maior reconhecimento em questões do empoderamento LGBTQ.

No presente trabalho busca-se elencar elementos que empoderam as questões LGBTQ (Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e *Queer*), principalmente dentro do contexto da moda.

No *corpus* de pesquisa, encontra-se o interesse por *Leigh Bowery*. Figura dos anos 80, estilista, *drag queen* e performer que chamou a atenção devido à forma extravagante de se vestir e a maneira de como se tem a desconstrução do gênero masculino para o feminino através das suas performances. Outro ponto de contato para o objeto de análise

¹ Gênero musical, subcategoria do *Rock In Roll* criado no final da década de 60 e popularizou-se na década de 70.

da pesquisa parte do documentário *Rainhas da Noite*, dirigido por Bruno Almeida e o filme *Wigstock the movie*, dirigido por Barry Shils, importante conteúdo para traçar pontes entre uma possível historiografia visual da *drag queen* de ontem com o empoderamento LGBTQ de hoje. Torna-se relevante selecionar como principal objeto de pesquisa detectar possíveis influenciadores estéticos do empoderamento LGBTQ na moda. Anúncios publicitários enunciados em revistas de moda que fomentam a expressão de empoderamento LGBTQ no ano de 2017 indicam que estas questões estão sendo apresentadas pela moda. A edição de número 468 da revista *Vogue* do mês de agosto de 2017, a coleção de junho da *Levi's Pride 2017*, o desfile do Ronaldo Fraga - *El dia que me quieras* - de outubro de 2016 e a *Rainbow Fashion Week* serão essenciais para a apresentação da grandeza e do poder que o movimento LGBTQ vem ganhando no cenário da moda. Além disso, é pertinente para o estudo de caso realizar um questionário com *drag queens* no evento da Parada do Orgulho LGBT em Florianópolis para analisar sua visão sobre LGBTQ.

Tem-se como objetivo geral da pesquisa, detectar no cenário brasileiro da moda possíveis influenciadores estéticos do empoderamento LGBTQ. E como problemática da pesquisa, serão descritos quais são os limites e as tentativas de inclusão dos discursos LGBTQ. Se o empoderamento de fato se concretiza na cidade de Florianópolis.

O método de pesquisa deste trabalho será qualitativo. Partindo da pesquisa bibliográfica que tem por interesse traçar relações entre o empoderamento LGBTQ com a teoria *queer*, cujos autores de referência são: Guaciara Lopes Louro e Richard Miskolci. Esta aproximação possibilita elencar paralelos com o cenário da moda no sentido de detectar os vetores de empoderamento LGBTQ. As reportagens da *Vogue*, agosto de 2017 edição 468 e no site da revista *ELLE*, em junho de 2017 serão alguns destes indicadores (vetores). As campanhas publicitárias da *Nike* e *Converse* também irão auxiliar para traçar as relações do empoderamento LGBTQ. Já, o documentário *Rainhas da Noite* e o filme *Wigstock the movie*, trarão um paralelo das *drag queens* dos anos de 1994 e 2014 ao empoderamento LGBTQ atual. Da mesma maneira, leva-se em conta na metodologia realizar um questionário com *drag queens* no evento da Parada do Orgulho LGBT em Florianópolis na intenção de detectar um testemunho cuja experiência vincula-se às questões LGBTQ.

Quanto à estrutura da pesquisa optou-se por dividir em 4 capítulos. Dá-se início apresentando os elementos pré-textuais os quais reafirmam a intenção e meta do projeto.

O segundo capítulo descreverá observações iniciais de uma possível historiografia da contracultura, bem como apresentará relações da moda que se estabelecem como liberdade de expressão. Para questão de sujeito líquido do autor Zygmunt Bauman será necessária à proposta da pesquisa relacionada ao empoderamento LGBTQ. Da historiografia serão relatados elementos da contracultura que abrigaram o discurso visual dos jovens das décadas de 60 e 70 envolvidos em movimentos musicais tais como o *rock*, *punk* e *glam rock*. O terceiro capítulo será formado pelo discurso e alteridade de sujeitos estéticos. Citando *Leigh Bowery* como figura destaque, dando continuidade na história das *drags queens* e suas experiências. Por fim, uma visão abrangente sobre a teoria *queer*. O quarto capítulo trará a análise de caso e se promete destaque ao empoderamento LGBTQ. Serão apresentados difusores da moda e outros vetores e suas direções que podem acrescentar um discurso estético repaginado às questões do empoderamento LGBT. Pablo Vittar, Liniker e Linn da Quebrada são essenciais para a difusão deste movimento. Serão mencionadas suas histórias e o discurso das suas letras de músicas. Será feita uma entrevista com *drag queens* no evento da Parada do Orgulho LGBT em Florianópolis.

E por fim, um manifesto no cenário artístico-cultural identificado pela exposição do curador Gaudêncio Fidelis para o Santander Cultural: *Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, realizada no Rio Grande do Sul em setembro de 2017, juntamente da edição número 2552 da revista *Veja* do mês de outubro de 2017, fecharão o debate, palco de discussões atuais sobre a intolerância e a aceitação LGBTQ.

2 PRIMEIRO CAPÍTULO - ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS DA PESQUISA

2.1 OBJETIVO GERAL

- Detectar no cenário brasileiro da moda possíveis influenciadores estéticos do empoderamento LGBTQ.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Articular a teoria *queer*.
- Apresentar o levantamento de expressões visuais e textuais aplicadas à moda sobre o empoderamento LGBTQ.
- Retratar imagens e textos sobre figuras dos anos 70.
- Traçar através do documentário *Rainhas da Noite*, dirigido por Bruno Almeida e o filme *Wigstock the movie*, dirigido por Barry Shils, que traz como tema principal um festival de *drag queen* nos Estados Unidos, uma possível historiografia do empoderamento LGBTQ visto atualmente.
- Analisar reportagens e editoriais em revistas de moda a respeito do empoderamento LGBTQ no cenário brasileiro.
- Levantamento de material visual de artistas que estão presentes no empoderamento LGBTQ e suas expressões visuais, tais como *Leigh Bowery*, Pablo Vittar, Liniker e Linn da Quebrada.
- Pesquisa de campo entrevistando *drag queens* na Parada do Orgulho LGBT em Florianópolis para analisar suas visões sobre LGBTQ.
- Suporte crítico de embasamento teórico como: Zygmunt Bauman, Guaciara Lopes Louro e Richard Miskolci.

2.3 OBJETO DE PESQUISA

Dentro dos objetos de pesquisa, encontra-se o interesse por *Leigh Bowery* que figurou nos anos 80 como estilista, modelo e performer. Além disso, o documentário *Rainhas da Noite*, dirigido por Bruno Almeida e o filme *Wigstock the movie*, dirigido por Barry Shils serão fundamentais para analisar como as *drags* eram vistas nos anos de 1994 e 2014 em contraponto com o que nos é anunciado na cultura LGBTQ pela expressão de celebridades como: Pablo Vittar (Phabullo Rodrigues da Silva), Liniker (Liniker de Barros Ferreira Campos) e Linn da Quebrada (Linn Santos).

A edição número 468 da revista *Vogue* do mês de agosto de 2017, a coleção de junho da *Levi's Pride 2017*, o desfile - *El dia que me quieras* - do Ronaldo Fraga de outubro de 2016 e a *Rainbow Fashion Week* serão essenciais para a apresentação da grandeza e poder que o LGBTQ ganhou dentro do cenário da moda.

A exposição do curador Gaudêncio Fidelis para o Santander Cultural: *Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, realizada no Rio Grande do Sul em setembro de 2017 juntamente com a edição número 2552 da revista Veja do mês de outubro de 2017, terão por foco apontar o nível da sensibilização LGBTQ dentro do cenário brasileiro nos dias atuais.

Por fim, será feita entrevista com *drag queens* na Parada do Orgulho LGBT em Florianópolis para poder saber quais suas visões sobre o LGBTQ.

2.4 PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

Quais são os limites e as tentativas de inclusão dos discursos LGBTQ na cidade de Florianópolis.

2.5 METODOLOGIA DE PESQUISA

O método de realização para chegar ao conhecimento deste trabalho será qualitativo e acontecerá em 3 planos. O primeiro plano parte da pesquisa bibliográfica, que tem por interesse traçar relações entre o empoderamento LGBTQ com a teoria *queer*, os autores que nortearão o debate são Guaciara Lopes Louro e Richard Miskolci. Esta aproximação possibilita elencar paralelos com o cenário da moda no sentido de detectar os vetores de empoderamento LGBTQ. As reportagens da *Vogue e ELLE* serão alguns destes vetores. As campanhas publicitárias da *Nike* e *Converse* também irão auxiliar para traçar as relações do empoderamento LGBTQ. O segundo plano será analisar Pablo Vittar, Lin da Quebrada e Liniker, sujeitos LGBTQ. Através das campanhas publicitárias, redes sociais e ícones de comunicação. O documentário *Rainhas da Noite*, dirigido por Bruno Almeida e o filme *Wigstock the movie*, dirigido por *Barry Shils* serão fundamentais para analisar como as *drags* eram vistas nos anos de 1994 e 2014 com o empoderamento LGBTQ atual. E o terceiro plano tem-se a entrevista oral *in loco* num evento coletivo LGBTQ, que tem por relevância o depoimento de *drag queens*. É interessante como fonte de pesquisa, e com elas pretende-se descobrir a visão de um sujeito *drag queen* sobre a dimensão política e estética do LGBTQ, e assim, detectar quais são suas referências e o que se entende pela expressão *queer* tão mencionada neste âmbito discursivo.

3 SEGUNDO CAPÍTULO - DA TEORIA À MANIFESTAÇÃO ESTÉTICA: A MODA COMO LIBERDADE DE EXPRESSÃO

3.1 A BANDEIRA DA CONTRACULTURA

Segundo Jordana de Souza Santos (2009), os anos 60 e 70 foram marcados por intensos movimentos culturais, chegando até serem designados de contracultura. Os jovens buscavam liberdade e usavam como inspiração a música, o cinema e a literatura, surgindo assim outro direcionamento cultural, os fomentadores da nova cultura, começam a vir das ruas, dos contextos a margem daquilo que não é mais legitimado apenas pela elite política, social e econômica. “Os símbolos da cultura juvenil passam, então, a vir da rua, e estes ganham vida na passarela. Assim, a moda deixa de ser padronizada e, gradativamente, o estilo individual norteia as escolhas da composição, com peças de vestuários e acessórios.” (PEREIRA, 2016, p. 19)

A música, o sentimento de liberdade, as drogas fizeram parte do movimento *hippie*. Os *hippies* buscavam pela liberdade e “as drogas, o amor livre e a expressão artística, ao invés da política, impulsionavam os jovens deste período para um comportamento de contracultura” (PEREIRA, 2016, p. 20).

Segundo o site *Mundo Estranho*² escrito por Tiago Jokura, o *Woodstock* ocorreu em *Bethel* em 1969. Foi o maior festival de *rock* dos últimos tempos, aconteceu ao ar livre, durou 3 dias e recebeu mais de 400 mil pessoas. Entre essa grande quantidade de público, encontravam-se os jovens *hippies*, que buscavam por liberdade.

Figura 1 – Woodstock



² Disponível em: < <https://mundoestranho.abril.com.br/musica/como-foi-o-festival-de-woodstock/> > Acesso em: 26/11/2017.

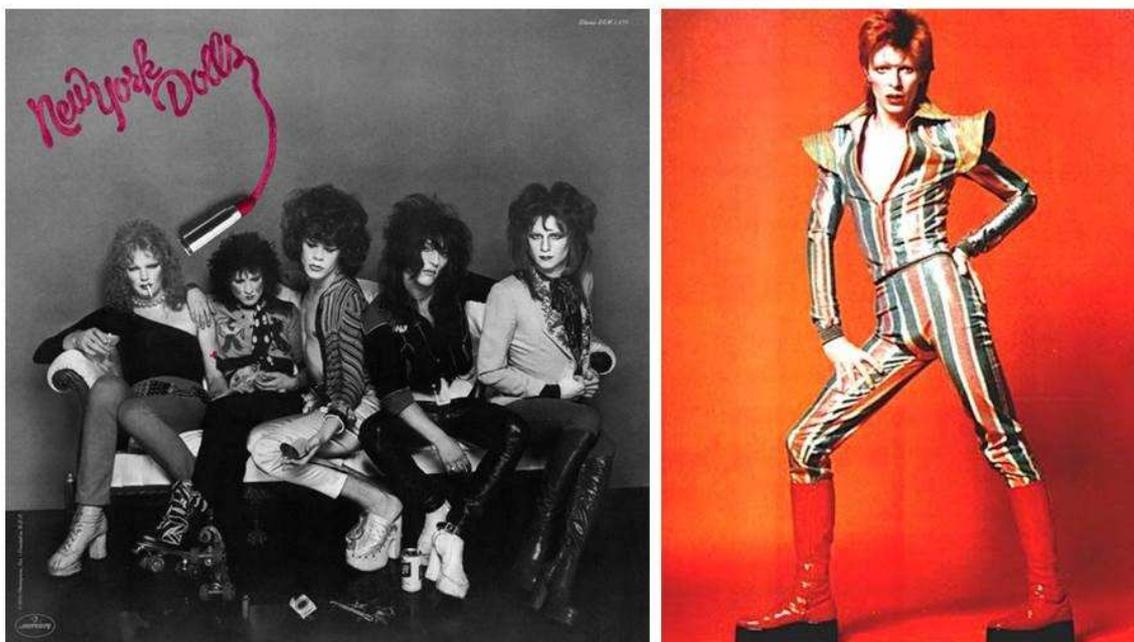
Fonte: Smithsonian. Disponível em: <<https://www.smithsonianmag.com/arts-culture/a-woodstock-moment-40-years-later-33569550/>> Acesso em: 26/11/2017.

O ritmo do *Rock'n Roll* surge de forma revolucionária nos anos 50, após a Segunda Guerra Mundial, mas nos anos 60 a juventude rebelde tem como referência novamente o ritmo, *The Beatles* e os *Rolling Stones*, *The Doors*, *Pink Floyd* e *Janis Joplin* eram influências que geraram outras expressões comportamentais, suplantam padrões estéticos e normativos moralistas, abrindo veredas para as expressões das décadas seguintes, não menos radicais do que estas. “O *rock* passou a ser o símbolo da rebeldia dessa juventude, o seu meio de expressão” (SANTOS, 2009, p. 496).

O *Glam Rock* é uma subcategoria do *Rock* e surgiu na Inglaterra no final dos anos 60, início dos anos 70. Segundo *Stephan Maus* (2013), o *Glam Rock* revolucionou o universo da moda, juntamente de outros movimentos musicais que marcaram estas décadas. A era andrógina tem destaque através dos cantores que marcaram o *Glam*. Com brilho nas roupas, salto, maquiagem e performances de cantores internacionais como *David Bowie* e *New York Dolls*.

Através de suas estéticas corporais, foram ícones dentro do cenário da moda, devido às questões da mistura de gênero, e continuam sendo referências que sinalizam a construção de linguagem autoral.

Figura 2 – Banda *New York Dolls* 1973 – *David Bowie* 1973



Fonte: Discogs. Disponível em: < <https://www.discogs.com/New-York-Dolls-New-York-Dolls/master/13185>> Acesso em: 21/11/2017; EBC Agência Brasil. Disponível em: <

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2016-01/david-bowie-conheca-principais-fases-e-musicas-do-artista>> Acesso em: 21/11/2017.

Para Aldemir Leonardo Teixeira (2007), o ritmo *Punk* iniciou nos anos 70 nos Estados Unidos, mas foi na Inglaterra que o movimento onde os jovens mostravam toda sua rebeldia surgiu. É a mistura de elementos culturais, artísticos, políticos e sociais e está ligado diretamente à cultura do *Rock in Roll*. “A geração *punk* pode ser vista como vítima direta e ‘produto marginal’ gerado pela própria sociedade, mas que se organizou e esboçou uma reação furiosa e radical contra ela própria” (TEIXEIRA, 2007, pg. 36)

Dentre tamanha transformação social, devido as grandes manifestações culturais e o surgimento de ritmos que influenciaram os jovens nas décadas de 60 e 70, a liberdade de se expressar vai aumentando cada vez mais nas próximas décadas e o estilo individual e independente cresce com o passar dos anos.

Figura 3 – Panteras Negras



Fonte: Geledés. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/historia-dos-panteras-negras-em-27-fatos-importantes/> > Acesso em: 26/11/2017.

Os Panteras Negras eram participantes de um grupo revolucionário Americano da década de 60. Surgiu em 1966 com o intuito de lutar pelos direitos dos negros.

3.2 SUJEITO LÍQUIDO

Segundo Zygmund Bauman (2005), a sociedade líquida moderna é uma sociedade aonde as coisas acontecem em um prazo mais curto do que o esperado. Tudo dentro dela acontece de uma forma muito rápida. Já a vida líquida é um estilo de vida que se encontra dentro desta sociedade. É um estilo de vida pouco seguro, por correr o risco de perder o

que acontece na sociedade, devido à rapidez dos acontecimentos. A vida e a modernidade líquida estão ligadas uma a outra e ambas não mantêm sua forma por muito tempo, pelo fato de estarem mudando e revigorando com continuidade.

A vida na sociedade líquido-moderna é uma versão perniciosa da dança das cadeiras, jogada para valer. O verdadeiro prêmio nessa competição é a garantia (temporária) de ser excluído das fileiras dos destruídos e evitar ser jogado no lixo. (BAUMAN, 2005, p.10)

Quem tem mais chances de vencer é quem tem mais conhecimento, maior inteligência para lidar com a liquidez da sociedade. O restante dos participantes nem sempre participam deste “jogo” por vontade própria, muitos entram na jogada por estarem dentro da sociedade líquida moderna. Para Bauman (2005, p.16) a “vida é uma vida de consumo.” O autor nos mostra que os bens materiais têm uma vida útil e que, conforme o prazo de validade se acaba, vão deixando de ser aptos para o uso e dão espaço para os novos produtos. Bauman diz também que (2005, p.16) “no mundo líquido-moderno, a lealdade é motivo de vergonha, não de orgulho.” Diz também que ao conectar-se com o mundo da tecnologia será informado de uma nova versão do seu aparelho celular fazendo com que o consumidor se sinta insatisfeito com seu produto e queira adquirir um novo.

É preciso ter cuidado com o que acontece em sua volta. É preciso ficar atento às pessoas e ao trabalho e não criar expectativas sobre as coisas e tomar cuidado com os perigos que nos esperam dentro da cidade, na sociedade. “O ‘progresso’, que já foi a mais extrema manifestação de otimismo radical, promessa de felicidade universalmente compartilhada e duradoura, deslocou-se para o polo de previsão exatamente oposto, não tópico e fatalista” (BAUMAN, 2005, p. 91).

A qualificação e o aprendizado devem ocorrer ao longo da vida dentro de um ambiente líquido. O aprendizado exige habilidade para exercer as escolhas feitas, tanto pessoais quanto as escolhas que afetam o espaço ao seu redor, tornando a convivência com as pessoas algo agradável. É importante termos o aprendizado da educação para podermos ter escolhas, para não entrarmos no mundo do desconhecido, da ignorância.

Nesse cenário de ignorância, é fácil sentir-se perdido e infeliz – e mais fácil ainda é estar perdido e infeliz sem perceber isso. Como Pierre Bourdieu memoravelmente observou, a pessoa que não tem domínio do presente não pode sonhar em controlar o futuro. (BAUMAN, 2005, p. 166)

3.3 DA LIBERDADE DE SE VESTIR

Pensar em moda nos dias de hoje é pensar em democratização. Foi-se o tempo em que os estilos se enquadravam em apenas um grupo social. Se olharmos para décadas passadas, conseguimos ter maior noção do que a sociedade deseja. Olhar a moda como uma simples tendência ou objeto de consumo é enxergar com superficialidade a todo o tempo, de todo um ser em particular.

O ideal de consumo de moda deixou de ser a parte da nobreza migrando com o passar dos anos para artistas e chegando ao anonimato de digital *influencers* que tem um poder de influenciar um público cada vez maior por meio de uma experiência ligada ao consumo de um bem ou serviço.

Aceitou-se por muito tempo que os estilos vão das passarelas para a corrente principal da moda, mas por muitos anos, também houve indícios crescentes do processo inverso. Ecos da “rua” já haviam sido visíveis na alta moda o longo das décadas de 1970 e 1980, mas, do início a meados da década de 1990, as coleções começaram a ficar repletas de referências a uma série eclética de subculturas do passado e do presente. (MENDES, 2003 p. 259)

A liberdade transmitida pela moda se transpassa pela forma de quem usa e de quem vê. O consumo de moda é sempre passado por um crivo social através do *marketing* de aceitação e induzindo um conceito de pertencimento.

Saindo do modelo tradicional de consumo e produção, nos deparamos com movimentos de rua que nascem de uma necessidade de diferenciação. Quase sempre com viés conceitual reivindicando ou defendendo uma causa. Movimentos estes que marcaram décadas e influenciam o comportamento de consumo de milhares de pessoas.

Este movimento inverso pode ser traduzido pelo conceito de apropriação cultural onde elementos característicos de subculturas aparecem revisitados nas passarelas de grandes designers. Este *looping* inverso de consumo de moda abre caminho para a liberdade de escolha. A moda expressa com exatidão o consumo livre em uma escala macro onde os simbolismos dão lugar ao individualismo.

Segundo Lomazzi (1989), é dentro da moda que se tem a vontade de se igualar dentro de um grupo social, para adequar-se, ser respeitado e não ser visto de forma negativa pelos demais integrantes.

Consumo e desejo são faces da mesma moeda muito bem trabalhadas pela publicidade. A busca por pertencimento social abre caminho para o desenvolvimento de classificações em status baseado no simbolismo com o qual a moda está ligada. Quando compramos uma peça de roupa fazemos uma escolha, esta escolha transmitirá uma mensagem compatível ou não com o emissor. Não há individualismo no conceito social de consumo de moda, consumimos por identificação, por pertencimento e por conta disso expressamos nossa identidade.

A moda não se identifica de modo alguma a um neototalitarismo suave, mas permite bem ao contrário, a ampliação do questionamento público, a maior autonomização das ideias e das existências subjetivas; é o agente supremo da dinâmica individualista em suas diversas manifestações. (LIPOVETSKY, 2001, p. 15)

Para Chevalier (1991), é através da roupa que se faz pertencer a um grupo social. E, ao tirá-la você não faz mais parte de tal grupo. O desejo de consumo se dá pela necessidade de pertencimento na sociedade. A moda liberta ao mesmo tempo em que classifica. As melhores peles aos melhores caçadores; se exemplifica em analogia aos símbolos de status e poder expressos pela indumentária do homem desde os primórdios da civilização.

Trazendo o pensamento para a moda globalizada esta liberdade de opções passada pela indústria abre para um questionamento em torno de; até que ponto somos livres para expressar quem somos.

4 TERCEIRO CAPÍTULO - CENA E AÇÃO: DO DISCURSO À ALTERIDADE DE SUJEITOS ESTÉTICOS

4.1 LEIGH BOWERY E A POÉTICA DO DIONISIÁCO NA MODA

Leigh Bowery nasceu na Austrália em 1961, e na década de 80, aos 26 anos estava no auge da sua carreira nas ruas em Londres. Era conhecido pelo seu extremismo único, quebrando todos os tabus de padrão de beleza e parecendo não se importar com seu corpo, fazia dele uma espécie de objeto cultural.

Extravagância em suas roupas, muitas vezes justas e, em suas maquiagens, sua boca sempre marcada remetendo a um fetichismo. *Leigh* se vestia com o corpo às vezes coberto, às vezes descoberto e quase não mostrava seu rosto, estava sempre com uma pintura ou adereço. Fazia da rua uma espécie de passarela para exibir seus figurinos inusitados.

Figura 4 – Leigh Bowery



Fonte: Rogue Magazine. Disponível em:

<<http://roquemagazine.com/post/108597955816/kulture-pusher-leigh-bowery>> Acesso em: 21/11/2017.

As transformações de características de gênero do masculino para o feminino foram o que fizeram ficar tão conhecido. Seu corpo era uma espécie de experimento para suas criações extravagantes. Mesmo com suas aparições vestido como uma mulher, *Leigh* mantinha suas características masculinas, era uma *drag queen*.

Em um vídeo no *Youtube* de 1986, *Leigh Bowery* apresenta algumas de suas criações em seu camarim, detalhando as peças. O *designer* ainda dá dicas de moda. “Eu acho que por muito tempo tem havido ênfase nos ombros. Minha ideia é reverter tudo, transformá-lo de cabeça para baixo, enfatizar seus quadris. Isso é minha dica para 1986” (BOWERY, 1986³)

Figura 5 – Leigh Bowery



Fonte: Youtube Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=SRpaRXjL0wg&t=11s>> Acesso em: 21/11/2017.

Em *Leigh Bowery on South of Watford* de 1986, *Leigh* é comparado através da sua extravagância e comportamento com um *Dandy*⁴, do século XIX. “Balanços como um pendulo de extravagância a reticência significa uma obrigação *Dandy*. ” (CALLOWAY, 1986⁵).

Revolucionou e inspirou o cenário da moda Londrina na década de 80 e ainda hoje, é influencia para grandes artistas que trazem como tema o exagero em suas criações, que buscam uma alteração de estética visual e corporal.

Em sua coleção de Outono de 2009, *Alexander McQueen* se inspirou em *Leigh Bowery*. Através dos lábios marcantes e exagerados, as formas extravagantes das roupas e até mesmo o fetichismo presente em algumas peças, é possível perceber a referência na coleção de *McQueen*.

³ Entrevista com Leigh Bowery. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=avPi_JWuS_I> Acesso em: 21/11/2017.

⁴ Homem que dá devida importância a sua aparência física, á linguagem refinada e a cultura do lazer.

⁵ Leigh Bowery on South of Watfor Part 1. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=SRpaRXjL0wg&t=11s>> Acesso em: 22/11/2017.

Figura 6: Alexander McQueen coleção outono 2009 ao lado de referências de Leigh Bowery.



Fonte: Vogue. Disponível em: <<https://www.vogue.com/fashion-shows/fall-2009-ready-to-wear/alexander-mcqueen/slideshow/collection#42>> Acesso em: 21/11/2017;
A.G. Nauta Couture. Disponível em: <<https://agnautacouture.com/2014/11/09/the-legend-of-leigh-bowery-part-one/>> Acesso em: 21/11/2017.

O estilista *Rick Owens* por sua vez, inspirou-se em *Leigh* na sua coleção de primavera 2016. *Rick* trouxe para a passarela modelos pendurados de cabeça para baixo em outros modelos. Assim como *Leigh* fez em algumas apresentações, onde sua assistente ficava presa a ele de cabeça para baixo e ao fim das apresentações, *Leigh* encenava dar a luz a um bebê.

Figura 7: Leigh Bowery - Rick Owens



Fonte: A.G. Nauta Couture. Disponível em: <<https://agnautacouture.com/2014/11/09/the-legend-of-leigh-bowery-part-one/>> Acesso em: 21/11/2017.

A cantora brasileira Linn da Quebrada⁶, publicou em seu *instagram* momentos antes das suas performances. É possível perceber, através da inibição do seu rosto, o fetichismo à referência com o *designer Leigh Bowey*. A roupa bem justa ao corpo, valorizando as curvas e dando abertura apenas para os olhos e bocas, assim como *Leigh*.

⁶ Artista brasileira que será descrita detalhadamente no quarto capítulo.

Figura 8: Leigh Bowery como referência para Linn da Quebrada



Fonte: YouTube. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=om0MrCOXPcE&t=52s>>
Acesso em: 21/11/2017; <<https://www.instagram.com/linndaquebrada/>> Acesso em: 21/11/2017.

Bowery mostra a realidade. Mostra sua silhueta. Expõe o sexo, a gordura e o fetichismo em suas roupas de látex. Sua boca marcante remetendo ao sensualismo. *Leigh*, dentro da mitologia poderia ser comparado com Dioniso (deus do vinho e dos impulsos), o deus que mostra a realidade como ela é, que está relacionado aos prazeres da vida.

É notável em suas performances, o exagero, a ultrapassagem dos limites de *Leigh*, remetendo assim, ao dionisíaco na moda. Mostrando suas curvas, quebrando os tabus de beleza, sem artifícios ou aparências, assumindo seu corpo da forma que ele é e mostrando a arte não figurada.

“O deus do vinho, na sua embriaguez dos limites, mostra a verdadeira realidade, na qual a luz cai no esquecimento e as barreiras da individuação são quebradas: nesse momento nasce a volúpia, a desintegração do eu, a ligação do ser humano com a realidade mais pura. Nesse aspecto dionisíaco, não há forma e nem limite, não há diferenciação, mas domínio da essência” (PAES, 2013, p. 148)

A cantora pop internacional *Lady Gaga* também usou como referência *Leigh Bowery*. Através do exagero nas suas roupas, do fetichismo e até mesmo na maquiagem, é visível a inspiração no *designer* da década de 80.

Figura 9: *Lady Gaga* – *Leigh Bowery*



Fonte: Google. Disponível em: < <https://www.vanityfair.com/culture/photos/2010/09/lady-gaga-slide-show-201009> > Acesso em: 26/11/2017; < <https://www.glamour.com/story/what-miley-cyrus-lady-gaga-jlo> > Acesso em: 26/11/2017; < <http://roquemagazine.com/post/108597955816/kulture-pusher-leigh-bowery> > Acesso em: 26/11/2017.

Leigh Bowery continua influenciando artistas na atualidade, através das suas cores marcantes, seus bordados, o exagero nas criações. Tornou-se referência nas passarelas, nos palcos, para artistas plásticos e não somente na questão física, mas na ideológica também.

4.2 SOU DRAG QUEEN

Drag queen é a construção de uma mulher em um corpo masculino, em uma caracterização visual de forma extravagante. Para Igor Amanajás (2014), ser uma *drag queen* não tem a ver com sua orientação sexual ou seu gênero, é uma questão artística não relacionada a questão do gênero ou do indivíduo.

É importante ressaltar a diferença de *drag queen* de travestis. *Drags* são homens que se caracterizam de mulheres, com seu corpo masculino da maneira que é. Já as travestis utilizam hormônios e próteses de silicone para terem seus corpos mais femininos.

Além disso, enquanto os travestis permanecem vestidos de mulher em seu cotidiano, as *drags* não. Percebe-se que estas se situam, com mais facilidade, tanto no universo heterossexual como no homossexual, uma vez que se inserem em espaços sociais e culturais para suas performances artísticas, enquanto que os travestis sofrem com a exclusão social, sendo sua imagem associada à marginalização e prostituição. (CHIDIAC, 2004, p. 472)

O documentário *Rainhas da Noite* de 2014 dirigido por Bruno Almeida descreve a capacidade que um homem tem de fazer a desconstrução do masculino para o feminino. Uma mulher diferente do dia-a-dia, com um certo refinamento. Uma *drag queen* é na verdade uma artista do mundo LGBTQ, que fora da sua performance tem uma vida normal. Sendo homem durante o dia, e a noite se transformam em uma mulher. A intenção é que sejam homens vestidos de mulheres, sem qualquer tipo de plástica.

“A nossa intenção com as perucas e com os saltos nada mais é que uma homenagem à própria mulher. Fizemos tudo com muito exagero com o intuito de não parecer uma mulher, mas sim, homenageá-las de certa maneira. Criar um personagem.” (MATOS⁷, Rony, 2014)

Rafael Noronha⁸ diz que a montagem de uma *drag* é composta por: peruca, maquiagem, uma roupa geralmente com muito brilho, unhas postiças e salto alto. Em média uma produção total custa em torno de R\$10.000,00. O custo é muito maior do que o valor que se recebe em sua apresentação. Muitas *drags* fazem pelo amor a sua arte e o carinho que recebem e não pelo retorno financeiro.

⁷ Rony Matos, *drag queen* conhecida como Nally Picumã. Em documentário *Rainhas da noite*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3oCiGCQoUsc>>

⁸ Drag queen conhecido como Thaygra Venturelli. Em documentário *Rainhas da noite*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3oCiGCQoUsc>>

Jadson Mendes - conhecido como Léo Áquilla - diz que no início da sua carreira como *drag queen* recebeu R\$30,00 pela sua primeira performance. Resolveu então ir atrás da valorização e respeito pelo seu trabalho, e aos poucos foi fazendo pequenas exigências como: frutas em seu camarim, emissão de contrato, toalha branca para se secar. “Quando a pessoa é boa, é profissional e o empresário percebe isso, o empresário respeita. Hoje eu cobro R\$10.000,00 em um cachê” (ÁQUILLA⁹, 2014).

Figura 10 – Léo Aquilla como drag queen.



Fonte: Instagram Disponível em: <<https://www.instagram.com/leonoraaquillaoficial/>>

Acesso em: 20/10/2017.

O documentário *Rainhas da Noite* mostra também que há uma diferença na produção e na apresentação entre o público *gay* e o público hétero, devido ao preconceito que ainda existe no público heterossexual. As roupas e músicas utilizadas para as apresentações em boates *gays* são mais ousadas e extravagantes do que em apresentações para o público hétero. “Nós estamos condenadas a viver de boates *gays*. É uma barreira que a gente não consegue quebrar” (ÁQUILLA¹⁰, 2014).

⁹ Léo Áquilla em documentário *Rainhas da Noite*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3oCiGCQoUsc>>

¹⁰ Léo Áquilla em documentário *Rainhas da Noite*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3oCiGCQoUsc>>

As *drag queens* buscaram ao longo dos anos a sua afirmação em suas formas extravagantes de se expressar visualmente, expandiram-se e hoje são referências seja no cinema, na música, nas redes sociais ou na moda. As duas *drags* mais conhecidas nas redes sociais atualmente são: *RuPaul* e Pablllo Vittar, que alcançaram seu espaço e hoje são ícones no meio virtual.

Figura 11 – *RuPaul*; Pablllo Vittar



Fonte: Instagram Disponível em: <<https://www.instagram.com/rupaulofficial/>> e em <<https://www.instagram.com/pabllovittar/>> Acesso em: 20/10/2017.

Wigstock é um festival de *drag queens* realizado em *Nova York* que teve início em 1985, realizado a cada ano. *Barry Shils* então dirigiu *Wigstock the movie* em 1995 que mostra o processo de montagem do festival no ano de 1994, no 10º aniversário do festival, que aguardava aproximadamente 20 mil expectadores. Um evento sem barreiras, aberto ao público e muitos deles se caracterizam de mulher e se montam como *drags* também. O festival exibido no ano de 1994 traz apresentações de artistas, tais como *Leigh Bowery* e *RuPaul*.

Em *Wigstock the movie* é apontado o fato das *drags* não serem tão aceitas durante o dia. Mostra a reação um pouco negativa das pessoas, um olhar de negação ao serem vistas montadas a luz do dia “Luzes diurnas não são amigáveis no cenário drag, isso é

certo” (BUNNY¹¹, 1994). Mostra também diversas apresentações de *drag queens*, suas caracterizações, o processo de transformação, os bastidores e algumas entrevistas.

“Isso não é uma coisa drag ou uma coisa gay ou uma coisa hétero. É uma prova que podemos estar todos juntos no parque e ter um ótimo momento. É anos 90, querido. Primeiro de tudo, se você está aqui e é hétero e tem algo contra as pessoas gays, você está no nosso território querido, nem tente.” (BUNNY, Lady, 1994¹²)

RuPaul diz em sua apresentação, que começou sua carreira na plateia do *Wigstock*, e que muitos diziam que não conseguiria alcançar seus sonhos e que não seria possível existi uma *drag queen* negra com sucesso. Hoje, *RuPaul* é a segunda *drag queen* com maior número de seguidores no *instagram* e a primeira que irá receber homenagem na calçada da fama.

“É incrível, como os homens que eu vi que puseram uma peruca e alguns saltos... é por isso que eu recomendo a todos. Eu quero dizer a todos dentro do som da minha voz, saia, pegue uma peruca, um par de saltos, meia calça, se quiser e faça sua parte, gata.” (RUPAUL, 1994¹³)

Figura 12 – *RuPaul* em apresentação para *Wigstock* em 1994.



Fonte: YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gp4mcOWpwO4>>
Acesso em: 03/11/2017.

Leigh Bowery se apresentou com suas características exageradas, um grande volume na roupa, uma espécie de máscara em seu rosto e o corpo totalmente cobertos. Cantou uma música que fala sobre amor e, ao final de sua apresentação, a *drag queen*

¹¹ *The Lady Bunny* em documentário *Wigstock*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=gp4mcOWpwO4>>

¹² *The Lady Bunny* em documentário *Wigstock*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=gp4mcOWpwO4>>

¹³ *RuPaul* em documentário *Wigstock*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=gp4mcOWpwO4>>

deita sobre uma mesa no meio palco, fazendo uma encena dar à luz e diz “Oh, meu Deus, primeiro bebê do *Wigstock*” (BOWERY, 1994¹⁴).

Figura 13 – Leigh Bowery em apresentação para *Wigstock* em 1994.



Fonte: YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gp4mcOWpwO4>
Acesso em: 04/11/2017.

4.3 UM OLHAR SOBRE A TEORIA *QUEER*

Segundo Richard Miskolci (2013), o termo *queer* provém de movimentos políticos e sociais originados da década de 60. Movimentos estes, considerados ‘novos’

¹⁴ Leigh Bowery em documentário *Wigstock*. Disponível em: <
<https://www.youtube.com/watch?v=gp4mcOWpwO4>>

pela sociedade da época. O movimento trabalhista deu espaço para o movimento feminista, no qual permitia o uso dos métodos contraceptivos e ao voto. Deu espaço também ao movimento racial, que diz respeito aos negros e o movimento homossexual. Então, isso fez com que o estado começa a ser questionado perante aos padrões morais.

Nos anos de 70 e 80, tanto no Brasil quanto no exterior, foram onde surgiram os primeiros estudos sobre os gays e lésbicas e ajudaram fortalecer a ideia de que, as pessoas heterossexuais eram a maioria, e que, as homossexuais eram minoria dentro da sociedade, mas precisava ser reconhecida e respeitada. (MISKOLCI, 2013)

A teoria *queer* é um termo que foi criado nos Estados Unidos, no início na metade da década de 80, com estudos que falam sobre o surgimento da homossexualidade no século XIX. É uma teoria sobre gêneros, um estudo dos seres em minoria, e que a sociedade julga como estranha. O termo foi cunhado por Teresa de Laurentis, em fevereiro de 1990. Segundo Miskolci (2009), o termo *queer* é muito antigo e tinha a conotação agressiva a aqueles que se desenquadravam dos padrões de gênero e sexualidade.

A Teoria *Queer* surgiu apenas lá e teve como data de nascimento 1990, ano que foram lançados três de seus livros mais influentes: Problemas de gênero, de Judith Butler, Onde Hundred Years of Homosexuality (Cem anos de homossexualidade), de David M. Halperin, e, sobretudo, o grande livro fundador da Teoria Queer, A epistemologia do armário, de Eve Kosofsky Sedgwick. (MISKOLCI, 2013, p. 31)

Podemos ressaltar por meio de Miskolci que a AIDS foi fundamental para a construção da teoria *queer*. Pode-se dizer que nos EUA a AIDS era ligada principalmente ao estado e à saúde pública. Já no Brasil, esta doença foi considerada apenas uma DST (doença sexualmente transmissível). Diferente dos EUA, que foi mais difícil a aceitação e isso não era responsabilidade do governo e sim uma contraposição da sociedade tradicional. Como lá o movimento gay e lésbico era muito mais forte do que aqui, criaram a ACT UP – ligada a AIDS para atacar o poder.

A teoria *queer* foi criada devido à rejeição homossexual na epidemia de AIDS que ocorreu na década de 80. Além de relacionar doença gay com fatores psicológicos, tinha a ver também, com saúde física.

Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se construiu de forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. (LOURO, 2015, p. 39)

Diferente do movimento da década de 60 e 70 – movimentos feministas e homossexuais onde eram vistos como pessoas oprimidas e que precisavam lutar pela sua liberdade - agora o movimento dos anos 80, era parte de uma sociedade de classe média letrada e branca. Mesmo os portadores de HIV não sendo de maioria gay, a sociedade gay era repugnada por ter a doença. Mesmo tendo havido o movimento homossexual na década de 60, agora o termo *queer* passava por uma fase de abjeto, abjeto este citado por *Kristeva apud Miskolci* (2013), como termo para repugnância e medo que a sociedade tinha contra estes grupos de gênero.

O *queer*, portanto, não é uma defesa da homossexualidade, é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo (MISKOLCI, 2013, p. 25)

Miskolci (2013) diz que o termo *queer* começou a ser percebido no ano de 1993, na principal parada gay de São Francisco, que acontece nos EUA. Onde teve destaque como tema. Os homossexuais buscavam a imagem limpa e aceitável, erguendo a bandeira de “orgulho gay”. Ao contrário disto, a teoria *queer* tem o propósito de ser aceito na sociedade da forma como ele é.

Agora, não somente os brancos letrados de classe média - que participavam da parada *gay* em São Francisco – novos participantes começam a englobar nesta nova política de gêneros. Dentre eles os trabalhadores do sexo, travestis, transexuais e não brancos. “Os *hétero-queer* são muitos numerosos, politicamente engajados com as pessoas que sofrem estigma e são relegadas a abjeção.” (Miskolci, 2013, p. 29)

O termo *queer* então passa a abranger grupos que vivenciam alguns exemplos de desvalorização na sociedade, sendo vistos como minorias, grupos esses sendo de raça, gênero e sexualidade. Segundo Miskolci o *queer* indica (2009, p. 2, apud LOURO, 2001, p. 546), “a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora.”

Através de sociedade em minoria que não é ouvida dentro do capitalismo, surge o *Queer of Color*, englobando negros, afrodescendentes, latino-americanos e grupos vistos como subordinados pelos hegemônicos.

A crítica pós-colonial e *queer* responde, em certo sentido, a impossibilidade do sujeito subalterno articular sua própria posição dentro da análise da história do marxismo clássico. O lócus da construção da subjetividade política parece ter se descolado das categorias tradicionais de classe, trabalho e da divisão sexual do trabalho para outras constelações transversais como podem ser o corpo, a sexualidade, a raça, mas também a nacionalidade, a língua o estilo ou, inclusive, a linguagem. (MISKOLCI, 2009 p.9 *apud* PRECIADO, 2007, p. 383)

A teoria *queer* então transita por discursos de inclusão, não apenas em questões de gênero, de raça e classe. Desta forma, pode-se observar que estes grupos eram considerados minoria dentro da sociedade. “Não é mais garantido que a sexualidade seja o eixo principal de processos sociais que marcam e ainda moldam as relações sociais, mas, ao contrário disso, emerge a ideia de um ponto nodal de intersecções de diferenças” (MISKOLCI, 2009, p. 10).

É dentro da educação brasileira que se tem a recepção da teoria *queer*. Os professores apresentam modelos e comportamento, mas ainda se tem a dúvida de como incorporar o *queer* na educação, de como respeitar a diversidade, pois segundo Richard Miskolci (2013) o aprendizado foi importante para criar nações contemporâneas.

Hoje, o *queer* tem maior reconhecimento do que nas décadas anteriores. Fato este que será citado no quarto capítulo, onde se pode destacar artistas brasileiras como: *Liniker, Pabblo Vittar e Linn da Quebrada*, essenciais para a construção do empoderamento LGBTQ no Brasil.

Conclui-se que, a teoria *queer* busca a visibilidade e a liberdade de expressão não somente dentro do cenário LGBTQ, mas também dentro de grupos que procuram encontrar sua flexibilidade, seus discursos de inclusão dentro da sociedade que os julga como minoria inadequada.

5 QUARTO CAPÍTULO - RAINBOW POWER

5.1 O EMPODERAMENTO LGBTQ

Em junho deste ano, a revista *ELLE* publicou a coleção e a *Nike e Converse*, inspirada no público LGBTQ. As marcas desenvolveram peças com cores da bandeira da diversidade e doaram a renda das vendas dos produtos em prol do empoderamento LGBTQ.

Esta foi a primeira vez em que a *Nike* usou as cores que simbolizam a diversidade. *Robert Gorman* – responsável pelo *marketing* da marca, diz em entrevista: “Ao se exercitar com as cores do arco-íris na academia ou em uma corrida você se sente parte de algo maior – cria-se uma conexão, você se torna um aliado à causa”.

A *Converse* teve o modelo clássico em sua *Pride Collection*, nomeada de *Yes To All* e disponibilizou a customização de alguns produtos em seu site. O lucro total das vendas foi doado para *It Gets Better Project* e *The Happy Hippie Foundation*.

Figura 14 – Produtos Nike e Converse das coleções de junho.



Fonte: Site revista *Elle* 1 Disponível em: <<https://elle.abril.com.br/moda/nike-e-converse-lancam-colecao-em-homenagem-a-populacao-lgbtq>> Acesso: 09/10/2017.

Em agosto deste ano, a revista *Vogue* publicou a matéria *Rainbow Power* com artistas brasileiras que estão empoderando o mundo LGBTQ e buscam inclusão, respeito e igualdade dentro da sociedade.

Nomes como Liniker, Linn da Quebrada, Pablo Vitar, Gloria Groove, Verônica Valentino, Ivana Wonder, Lia Clark, Candy Mel, Raquel Virgínia e Assucena Assucena¹⁵ são sujeitos LGBTQ, cantoras brasileiras, que ganham destaque na matéria *Rainbow Power*. Nas suas letras são destacadas a força da comunidade LGBTQ, buscando a igualdade na sociedade. Linn se expressa:

"Minha música tem um vetor transfeminista, mas, qualquer que seja sua genitália, ela vale para o corpo. Quando me entendi corpo, me entendi trans. Não sou cantora, estou cantora, e uso a música como veículo. Atuo com meu corpo e falo de mim, mas quero que a mensagem ecoe em vidas que ainda não tenham noção de sua importância." (2017, p.184)

Na matéria da *Vogue*, as cantoras vestem a nova coleção da Gucci¹⁶. A escolha da marca teve um propósito, a grife italiana foi a primeira do segmento de moda a fazer parceria com organização que desenvolve estratégias de inclusão LGBTQ, tais como *Parks Liberi e Uguali*.¹⁷

Figura 15 – Pablo Vittar; Linn da Quebrada e Glória Groove



Fonte: Revista *Vogue*, edição 468. Agosto de 2017.

¹⁵ Cantora da banda As Bahias e a Cozinha Mineira.

¹⁶ Grife italiana fundada em 1921 em Florença.

¹⁷ Associação italiana sem fins lucrativos que cuida da Gestão da Diversidade.

Phabullo Rodrigues da Silva, mais conhecido como Pabullo Vittar nasceu no Maranhão, mudou-se para Indaiatuba aos 16 anos e aos 18 anos foi para Uberlândia, onde iniciou sua carreira artística. Canta, compõe, é homossexual e *drag queen*. Aos 15 anos assumiu sua homossexualidade para a família que sempre o apoiou e foi em seu aniversário de 18 anos que se montou como *drag queen* pela primeira vez.

“Ser *drag queen* pra mim é poder colocar meus pensamentos pra fora, as coisas que eu gosto, as minhas ideias e poder me expressar através dessa arte. Quando eu fico na frente do espelho sozinha e eu coloco minha música e eu começo a me maquiar, ver meu rosto mudando e ver essa transformação é uma terapia pra mim” (VITTAR, 2017).¹⁸

Pabullo diz que gosta do seu nome, e que não pretende feminizar por não estar passando verdade sobre quem é. Aceita ser chamado de o Pabullo ou a Pabullo. Começou sua carreira artística como cantora no programa Amor & Sexo. Em entrevista no programa *Encontro*¹⁹, Pabullo diz: “A gente só tem uma vida e eu quero viver todos os Pabllos que eu puder ser. Todas as Pabllos que eu puder ser. Loira, ruiva, careca, de short ou vestido.” (VITTAR, 2017²⁰)

Figura 16 – Phabullo Rodrigues da Silva; Pabullo Vittar



Fonte: Instagram- Disponível em: < <https://www.instagram.com/pabullovittar/>>
Acesso em: 15/10/2017.

Pabullo sofreu muito preconceito e diz que, uma vez, na escola, viraram um prato de sopa quente no seu corpo enquanto falava com uma amiga, por não estar se comportando e falando como homem. Em uma entrevista para o jornal “O Globo”, Pabullo diz que não são todas as pessoas que aceitam e respeitam, mas busca gastar seu tempo

¹⁸ Pabullo Vittar em entrevista para “O Globo”. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=eLPhb_B2fdw>.

¹⁹ Programa da Rede Globo que vai ao ar de segunda à sexta às 11h.

²⁰ Pabullo Vittar em entrevista no programa Encontro. Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/6066070/>>

com coisas que lhe fazem bem e não lhe fazem mal. Recentemente *hackearam* seu canal no *YouTube* e tiraram do ar seu clipe da música “K.O.”, com mais de 200 milhões de acessos. O vídeo foi recuperado e Pablllo diz: “Mas isso é só uma prova que LGBT-fobia existe sim e não é só porque eu sou um artista que vou estar blindado a isso.” (VITTAR, 2017).²¹

Em fevereiro Pablllo foi entrevistado pela *Trip TV* e diz:

“O ser afeminado, para mim, é muito revolucionário no sentido de dar a cara a tapa. São as *bees* afeminadas que estão ali na posição de frente, elas que levam o baque primeiro, elas são apontadas, levam lâmpada na cara. Se a gente está aqui hoje, dando entrevista, eu montada de *drag*, é porque muita gente morreu e sofreu preconceito para a gente ocupar esse espaço. Isso é fato.” (VITTAR, 2017)²²

Suas letras de música falam sobre sensualidade, sobre empoderamento, sobre você ser quem quer ser. Seu *hit* “Todo Dia”, foi a música mais tocada no carnaval. “O meu pop vem muito do que popular mesmo, eu misturo todos os ritmos e procuro trazer uma coisa diferenciada mesmo” (VITTAR, 2017)²³

Na música “Todo Dia”, Pablllo fala sobre você poder ser quem quer que seja, independente do dia e sem esperar chegar o carnaval para fazer as coisas que tem vontade de fazer. A letra da música “Open Bar” traz a história de um amor que lhe fez sofrer, foi superado e agora está se divertindo nas festas.

O discurso de empoderamento vem através da letra da música “*Minaj*” e “Rainha”. Nas letras, a *drag* canta que chega aos lugares e é alvo de atenção devido a sua beleza e sensualidade.

“Pegue lá no carro as malas de Paris, não tô nem aí para o que você diz. Sei que uma foto é o que você quer, mas, por favor, não amasse o meu *megahair*. Quando chego no baile, boto pra quebrar, eu não sou discreta, gosto de arrasar. Gosto de homem que sabe o que quer. E que na cama me faça mulher. Olha aqui menino, eu desço devagar o tamanho da minha bunda vai te assustar. Antes que desista eu vou te dizer. Quem manda aqui sou eu e eu vou te enlouquecer” (VITTAR, 2016).²⁴

No clipe da música “Corpo Sensual”, Pablllo aparece segurando um preservativo. O Ministério da Saúde aproveitou a cantora ser uma figura influente mundialmente e gravou um comercial sobre a prevenção de DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis).

²¹ Pablllo Vittar em entrevista para “O Globo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eLPhb_B2fdw>.

²² Pablllo Vittar em entrevista para *Trip TV* Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aUvF8UeiW8M>>.

²³ Pablllo Vittar em entrevista para o G1. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H9MpkcoceQw>>

²⁴ Pablllo Vittar em videoclipe *Minaj*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YR8rWGwzJr4>>

A mensagem principal do comercial é que o preservativo não previne apenas de gravidez, já que a *drag* não pode engravidar, mas que todos devem se prevenir destas doenças.

Figura 17 – Pablllo Vittar em seu clipe “Corpo Sensual”



Fonte: YouTube- Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=q6Lw6k7k9Rk>>
Acesso em: 15/10/ 2017.

A *drag* já fez participações com cantoras renomadas, como Anitta e Preta Gil. Em setembro fez uma participação com a cantora internacional *Fergie* no *Rock In Rio* – festival de música internacional – onde cantou uma de suas músicas ao lado da *pop star*. Após sua aparição no festival com a cantora, Pablllo ganhou destaque uma matéria em um site internacional – *The Guardian* - mostrando seu empoderamento. “Em um país onde 343 pessoas LGBT morreram em 2016, a cantora e a Rainha de arrasto, abertamente gay, Pablllo Vittar tornou-se um símbolo de resistência”. (PHILIPS, 2017)²⁵

²⁵ Dom Phillips em reportagem para *The Guardian*. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/world/2017/oct/20/pablllo-vittar-brazil-gay-drag-queen-pop-star>>

Figura 18 – Pablllo Vittar e Fergie no Rock in Rio



Fonte: Instagram- Disponível em: < <https://www.instagram.com/pablllovittar/>>

Acesso em: 17/10/ 2017.

A *Vogue*²⁶ publicou em outubro no seu site que a *drag queen* fez participação na campanha publicitária da *coca-cola*. O lançamento será em dezembro, mas Pablllo já fotografou para a marca. E em outubro também, foi premiada no maior festival de música brasileira da *Multishow* através do júri popular. Na sua rede social – *instagram* - diz:

“São dois anos desde que lancei minha primeira música, mas antes disso foram muitos mais anos de batalha e tentativas. Ontem foi muito emocionante para mim, por saber que estava lá, no maior prêmio da música do nosso país, sendo *gay*, afeminada e *drag queen* e recebendo um prêmio de voto popular. Preciso agradecer muito aos meus fãs, minha família maravilhosa e a todos que acreditam no meu trabalho. “ (VITTAR, 2017)²⁷

Nas redes sociais, Pablllo passou de cinco milhões de seguidores em seu *instagram*, ultrapassando *RuPaul Charles* - primeira artista *drag* que ganhou uma estrela na calçada da fama. Em suas páginas nas redes sociais, divulga suas participações em programas, seus destaques em matérias. Seus clipes ultrapassam centenas de milhões de

²⁶ Disponível em: <<http://vogue.globo.com/beleza/gente/noticia/2017/10/pablllo-vitar-mostra-sua-porcao-modelo-nos-bastidores-de-shooting-para-coca-cola.html>> Acesso em: 30/10/17

²⁷ Pablllo Vitar em seu *instagram*. Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/BarwHPllanD/?taken-by=pablllovittar>>

visualizações no *Youtube*. Seu último lançamento “Corpo Sensual” chegou aos 100 milhões de *views* em pouco mais de um mês.

Pablo é ícone da cena LGBTQ, busca por respeito dentro do espaço que conquistou independente do seu gênero, da forma como se veste ou comporta, pois o que vale é o seu trabalho. Em entrevista para o G1 diz que na sua infância não teve um ídolo que pudesse ter como referência e hoje fica feliz ao receber mensagens de fãs e saber que está ajudando as pessoas a criarem coragem para se revelarem e que está ajudando na aceitação dos familiares destas pessoas.

“Me sinto muito orgulhosa por ser uma *drag queen* brasileira, nordestina, que veio de baixo, tem o apoio incondicional da família levanta uma bandeira importante em dias de retrocessos. Especialmente quando o assunto é gênero e sexualidade. Sinto tristeza pelas pessoas que não conhecem meu trabalho e se manifestam a meu respeito com ódio. Percebo como o apoio dos faz é fundamental. Me faz enxergar que que muita gente está do mesmo lado, querendo amor, paz, união e tolerância. A gente precisa de respeito. Só assim é possível ser o que se é sem medo.” (VITTAR, 2017, p. 62) ²⁸

Em novembro, a *drag* foi capa da revista *Marie Claire*, em uma reportagem que fala sobre diversidade. Ao lado de outras duas cantoras, Pablo é destaque na matéria “O corpo ideal é o seu”.

Figura 19 – Pablo Vittar na capa da revista *Marie Claire*



Fonte: Revista *Marie Claire*, edição 320 de novembro de 2017.

²⁸ Pablo Vittar em entrevista para *Marie Claire*. Edição número 320, novembro de 2017.

Liniker de Barros Ferreira Campos, jovem natural de Araraquara SP. Cantora da banda *Liniker e os Caramelows*, dizia não ter gênero. Até que, em uma entrevista foi referida como “o cantor” e isso a incomodou. Então, agora é conhecida com um gênero definido, o feminino. Sua identidade visual é composta pelos brincos grandes, acompanhados de batom escuro e turbante na cabeça. Mudou-se para Santo André e foi onde iniciou sua carreira e se sentiu livre para poder expressar através da roupa o que queria transmitir. Em entrevista para TVBrasil, Liniker diz:

“Quando eu passei batom foi como se algo dentro de mim abrisse assim. Parecia que estava desabrochando uma coisa muito forte dentro de mim. E aí hoje eu não consigo mais sair sem, quando eu saio sem eu me sinto pelada”. (LINIKER, 2016)²⁹

Figura 20 – Liniker



Fonte: Instagram – Disponível em: <<https://www.instagram.com/linikeroficial/>>
Acesso em: 09/10/2017.

A cantora sofreu muito preconceito dentro da sua família quando criança. Teve o apoio de sua mãe desde o primeiro momento e foi dela que ganhou seu primeiro rímel. Em uma entrevista para a *Glamour* em julho, diz que o preconceito está presente em todos os locais, mas isso não lhe afeta, pois mesmo com todos os pensamentos machistas e uma sociedade que quer diminuir seu espaço, é admirada pela sua coragem, por subir ao palco com sua identidade de gênero fluida.

²⁹ Liniker em entrevista para Estação Plural. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fb7VWWdLSE4&t=2585s>>

“O processo de empoderamento é diário. Todo dia precisamos nos olhar no espelho e entender que somos maravilhosas, que temos direitos, sim, e não podemos ficar à margem da sociedade” (LINIKER, 2016).³⁰

No dia 17 de setembro, se apresentou no *Rock in Rio* ao lado de *Jhonny Hooker*. A dupla cantou a música “Flutua” que fizeram em parceria, cujo refrão diz “Ninguém vai poder querer nos dizer como amar.” Ao fim da canção, a dupla se beija, e ao fundo, uma mensagem no telão que diz “amar sem temer”.

Figura 21 – Liniker e Jhonny Hooker no Rock in Rio



Fonte: Site POPline

Disponível em: <<http://portalpopline.com.br/rock-rio-popline-cria-ranking-com-os-melhores-shows-primeiro-fim-de-semana/>> Acesso em: 09/10/ 2017.

Linn Santos, natural de São Paulo é conhecida como Linn da Quebrada. Foi testemunha de Jeová até os 17 anos e depois decidiu ser quem é. Criou outras formas e maneiras sobre si mesmo em suas letras de música, no teatro ou em documentários. Aprendeu a se olhar e aceitar seu corpo como é, e parou de buscar algo que projetava em sua mente. Foi nomeado de Linn da Quebrada por ser de diversos lugares, de diversas “quebradas”.

Um dos seus sucessos foi o *hit* “enviadescer”, onde em sua letra discursa sobre assumir seu corpo, um ato de coragem ao assumir o lado feminino que existe dentro de você. Em entrevista para TvBrasil, Linn diz: “Tem a ver com as marcas do feminino nos

³⁰ Liniker em entrevista para Estação Plural. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fb7VWWdLSE4&t=2585s>>

nossos corpos. Em permitir que estas marcas estejam sobre nós e deixar com que elas sejam um ato de empoderamento mesmo sabe? De coragem. ” (LINN, 2017)³¹

Linn diz que começou a escrever e cantar suas letras de música porque ele precisava as ouvir, precisava acreditar em si mesmo. Utiliza da linguagem do *funk* para se expressar. Acreditou que através deste ritmo, conseguiu expor sua ideia do poder, de ser desejado, ser amado e ser empoderando.

Figura 22 – Linn da Quebrada



Fonte: Instagram – Disponível em: <<https://www.instagram.com/linndaquebrada/>>
Acesso em: 19/10/ 2017.

A cantora começou aos poucos a assumir seu lado feminino. Inicialmente começou fazendo suas performances, e com o tempo foi levando isso para a rua. E mesmo sendo reconhecida com o passar do tempo, a cantora continua passando por preconceitos. Acredita que através da internet, as pessoas conseguem se firmar para encarar o mundo real.

“Cada peça que eu usava, cada coisa que mudava no meu corpo. Na forma de me relacionar, na forma de me vestir e de me apresentar mudava a forma como as pessoas me tratavam. Mudavam os olhares, mudava o direcionamento dessas pessoas. E isso tudo foi me trazendo mais gás, mais vontade. Porque daí eu fui me conectando com outras pessoas, eu fui me fortalecendo de outras formas. “ (LINN, 20017)³²

³¹ Linn da Quebrada em entrevista para Estação Plural. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=bSfk-tgeIzk>>

³² Linn da Quebrada em entrevista para Estação Plural. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=bSfk-tgeIzk>>

Estas artistas estão buscando seu espaço dentro da sociedade. São cantoras que empoderam o cenário LGBTQ por onde passam. Legitimadas pelo discurso e sistema de moda, influenciam através das redes sociais, programas de televisão ou por campanhas publicitárias.

5.2 VETORES E DIFUSORES DE MODA RUMO AO EMPODERAMENTO LGBTQ

Em junho, foi a vez da *Levi's* lançar a coleção *Pride* 2017. Onde toda a arrecadação das peças vendidas foi doada para instituições que apoiam a diversidade, a *Harvey Milk Foundation*, *Stonewall Community Foundation* e a *Transgender Law Center*.

Esta é a quarta vez em que a marca tem como inspiração a luta da sociedade LGBTQ para a igualdade. A coleção é composta por peças agênero, sem restrições e que tanto homem quanto mulher pode usar.

O apoio que a *Levi's* dá a comunidade LGBTQ vem de tempos, não é algo novo para a marca. Em 1982 foi o primeiro doador corporativo e ajudou ao Hospital de São Francisco na fundação da primeira clínica de HIV. Em 1992 a empresa estendeu benefícios para casais do mesmo gênero e em 2007, apoiou ao matrimônio de pessoas do mesmo gênero.

Figura 23 – coleção *Pride* 2017 *Levi's*



Fonte: Site da *Levi's* Disponível em: <<http://www.levi.com.br/pride-collection>> Acesso em: 30/09/2017.

Para combater o preconceito e a homofobia, em agosto de 2016, durante a *EuroPride* (parada gay de Amsterdam), segundo o site *Catraca Livre*³³, a modelo holandesa transexual *Valentijn de Hingh* usou um vestido criado pelo estilista *Mattjs Van Bergen* com a ajuda de *Oeri van Woezik*.

O vestido era composto por bandeiras de 72 países do mundo onde a homossexualidade é considerada crime. Acredita-se que, a moda pode mudar o mundo, ainda mais quando se tem pessoas como *Valentijn*. Em seu *instagram*, a modelo coloca: "Todo país que mudar sua legislação, vai ter a sua bandeira substituída por uma bandeira do arco-íris. Vamos esperar que este vestido, mais cedo ou mais tarde, seja feito apenas por uma colcha de retalhos bem colorida" (HING, 2017).³⁴

Figura 24 – vestido feito por bandeiras de países contra o homossexualismo.



Fonte: Instagram da modelo *Valentijn de Hingh*

Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BIVKhfcgTU8/?taken-by=valentijndehingh>> Acesso em: 30/09/2017.

³³ Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/trans-usa-vestido-com-bandeiras-de-paises-onde-ser-gay-e-crime/>> Acesso em: 22/09/2017.

³⁴ Valentijn em seu *instagram*. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BIVKhfcgTU8/?taken-by=valentijndehingh>>

Na 42ª edição do *São Paulo Fashion Week*, Ronaldo Fraga surpreendeu a todos com um desfile onde o *casting* era formado apenas por modelos transexuais, como um manifesto contra o preconceito e luta pela igualdade. Como no Brasil não existe uma agência de modelo transexuais, apenas quatro eram modelos. O restante era dona de casa, garota de programa, cantora, atendente de banco e até professora de dança.

A coleção de Ronaldo ganhou o nome de *El dia que me quieras*. As 35 peças do desfile tinham a mesma modelagem e foram representadas cada uma de forma diferente. “A história particular de cada uma delas dá dignidade e imprime cor, volume, textura e música que nenhum estilista consegue imprimir em uma roupa. Porque esta impressão é pessoal de cada um.” (FRAGA Apud Elle, 2017).³⁵

O estilista escolheu este tema como inspiração, pois o Brasil está no *ranking* dos países que mais matam transexuais, através de violência ou de suicídio. Acredita que este assunto não dá mais para ser ignorado. As peças são inspiradas nas décadas de 20, 30 e 1940, período de glamour do universo feminino.

Figura 25 – desfile com modelos trans de Ronaldo Fraga



Fonte: Site Buzz Feed

Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/florapaul/desfile-do-ronaldo-fraga-foi-emocionante?utm_term=.nqmgPPRL1#.qnvgee69n> Acesso em: 30/09/2017.

³⁵ Ronaldo Fraga em entrevista para Elle. Disponível em: < <https://elle.abril.com.br/moda/o-mundo-nao-precisa-de-mais-um-desfile-diz-ronaldo-fraga/>>

Segundo o site *LGBT weekly*, escrito por *Steve Lee*, em junho, *Nova York* recebeu a 4ª edição da *Rainbow Fashion Week* (RBW). É uma semana da moda que engloba cinema, arte e tecnologia. A programação destaca problemas sociais e passa a mensagem de encorajamento e inclusão para todos, são tópicos que afetam a comunidade LGBTQ.

Responsabilidade ambiental, conscientização contra o abuso infantil, consciência de violência doméstica, empoderamento de jovens *teen* e LGBTQ, sustentabilidade, tráfico de seres humanos e saúde mental são alguns temas abordados nesta semana de eventos.

A *Rainbow Fashion Week* é um evento que celebra a inclusão social e acontece em uma das principais capitais de moda do mundo que afeta a comunidade LGBTQ tanto nos Estados Unidos quanto mundialmente.

Figura 26 – modelo neutro Petr Nitka



Fonte: Site LGBT Weekly

Disponível em: < <http://lgbtweekly.com/2017/06/28/rainbow-fashion-week-kicks-off-nyc-pride-week/> > Acesso em 05/10/ 2017.

Em outubro, foi a vez da semana de moda em Los Angeles – *LA Fashion Week* – receber um desfile com muito brilho e empoderamento. A marca de roupas íntimas *Marco Marco UnderWear* entrou na passarela com sua coleção de verão 2018 e uma diversidade de modelos. Homens e mulheres héteros, homossexuais, trans, drags, modelos altas, magras, gordinhas, loiras, negras subiram na passarela com as cores da bandeira da diversidade acompanhadas de muito brilho e direito a performances incríveis com um discurso visual empoderando o LGBTQ.

Nas performances dos modelos, é visível uma possível ligação como referência *Leig Bowery*, através das cores marcantes, as modelagens e formas das roupas e o rosto totalmente coberto.

Figura 27 – Desfile LA Fashion Week



Fonte: YouTube

Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Ek2LvcN3wFc> > Acesso em 14/11/2017.

5.4 PARADA DO ORGULHO LGBT 2017 - FLORIANÓPOLIS

No dia 19 de novembro de 2017 na Beira-mar Continental de Florianópolis, aconteceu a 11ª *Parada do Orgulho LGBT 2017*, organizado por *Gandaia Cultural*. Um evento onde reuniu centenas de pessoas com o intuito de sensibilizar não somente o povo LGBTQ, mas também pessoas que aceitam as diferenças de gênero e respeitam a igualdade. Teve início às 13h e o encerramento foi às 21h. Com direito a shows, performances de *drag queens* e uma marcha da *Parada do Orgulho LGBT* ao final do dia.

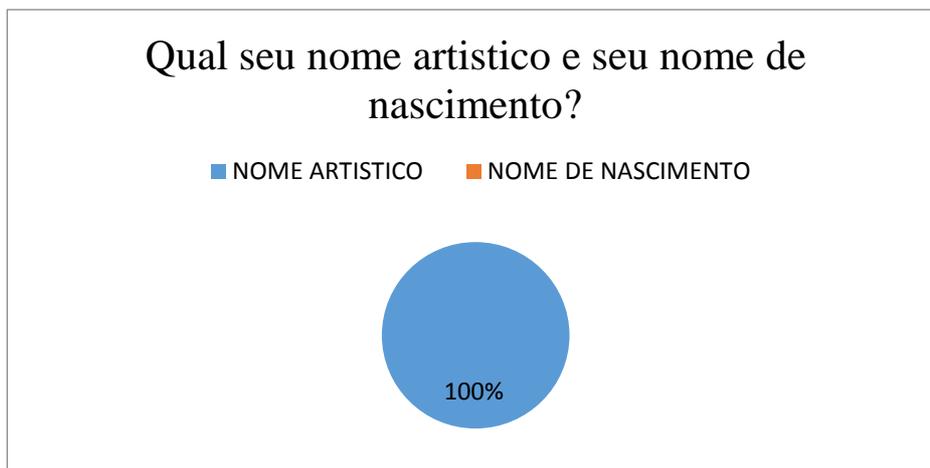
Figura 28: Sheyla Ashley, Rebecca Royals e Pietra Beauty



Fonte: Acervo pessoal.

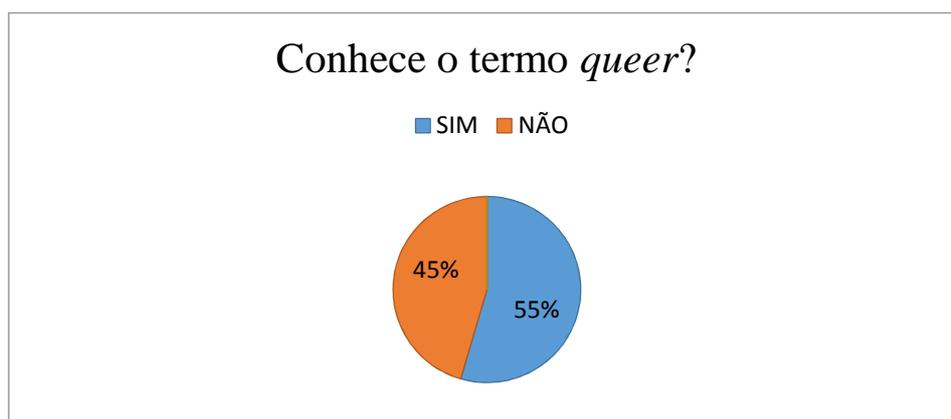
Foi realizada uma entrevista com onze *drag queens* para uma análise de dados. As questões envolviam assuntos relacionados a gênero, *bullying* e o termo *queer* para poder saber como constroem seu discurso e se de fato acontece o empoderamento destas *drags*.

Primeira pergunta: “Qual seu nome artístico e seu nome de nascimento?”



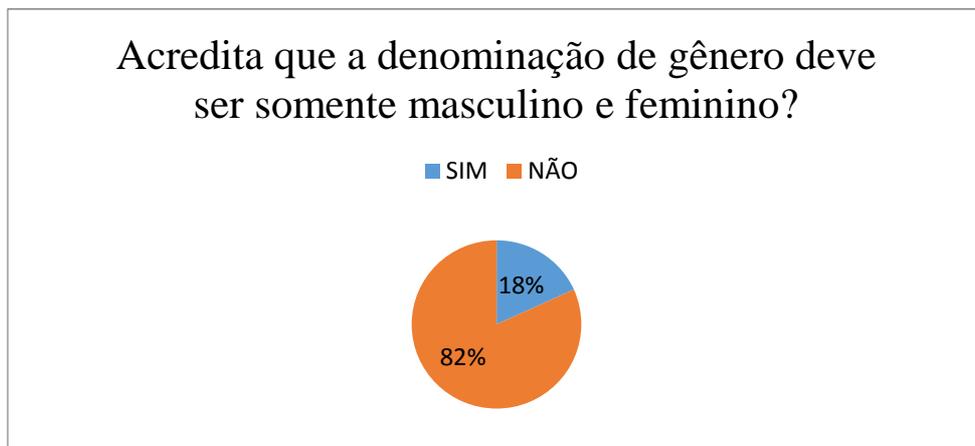
Todas responderam apenas o nome artístico e se recusaram a falar seu nome de nascimento. Acredita-se que o fato de estarem montadas fez com que todas as entrevistadas se identificavam apenas pelo nome artístico.

Segunda pergunta: “Você conhece o termo *queer*?”



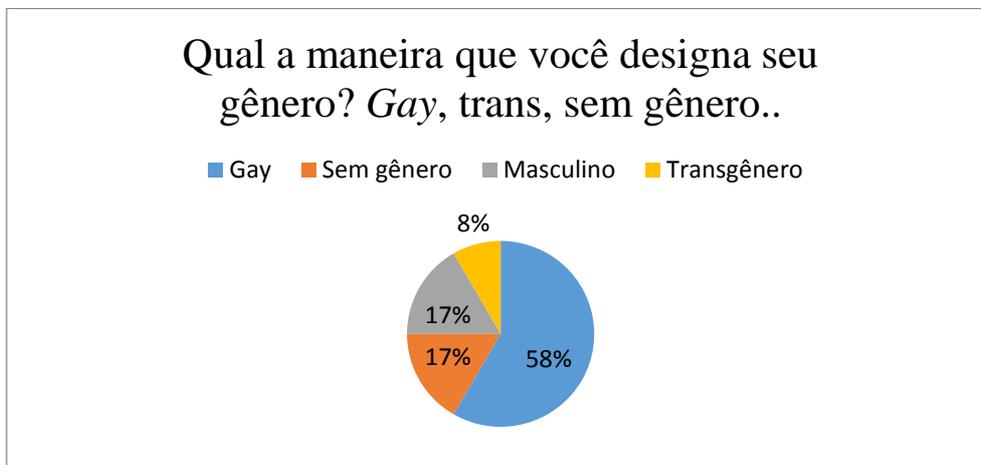
O *queer* é conhecido por um pouco mais da metade das *drags* entrevistadas. 55% delas conhecem o termo e 45% o desconhecem. Para algumas é algo novo que estão começando a conhecer, porém conhecem apenas a expressão e não sabem qual seu verdadeiro significado. E para outras é algo que nunca foi ouvido falar. Tanto que no nome do evento não está incluso o “Q” de *queer*, é apenas *Parada do Orgulho LGBT*.

Terceira pergunta: “Você acredita que a denominação de gênero deve ser somente masculino e feminino?”



82% dizem que a denominação do gênero não deve ser somente masculino e feminino e que deveria ter outras categorias de gênero. E apenas 18% das entrevistadas concordam que deve haver apenas essas duas denominações de gênero.

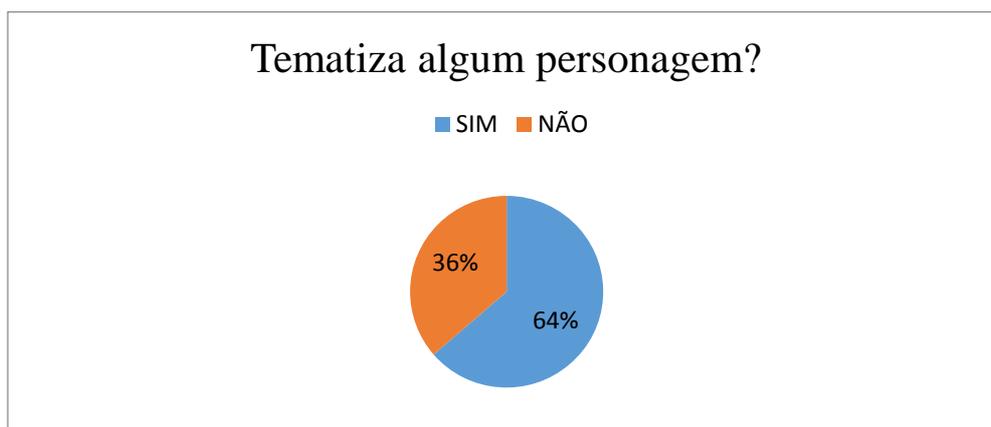
Quarta pergunta: “Qual a maneira que você designa gênero? Gay, trans, sem gênero.”



Das entrevistadas, 58% se designaram como gays, 17% delas responderam não ter gênero definido, outros 17% designaram-se masculino e 8% das *drag queens* afirmaram ser transgênero³⁶. Na enquete não foi incluída a opção do feminino, pois não se pode ter uma *drag queen* partindo da genética feminina.

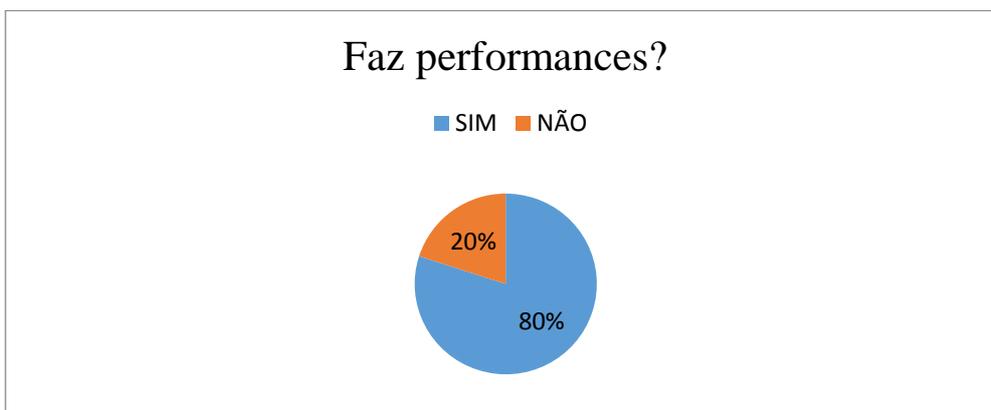
³⁶ São pessoas que têm sua identidade ou expressão de gênero oposta ao sexo que nasceu.

Quinta pergunta: “Você tematiza algum personagem? ”



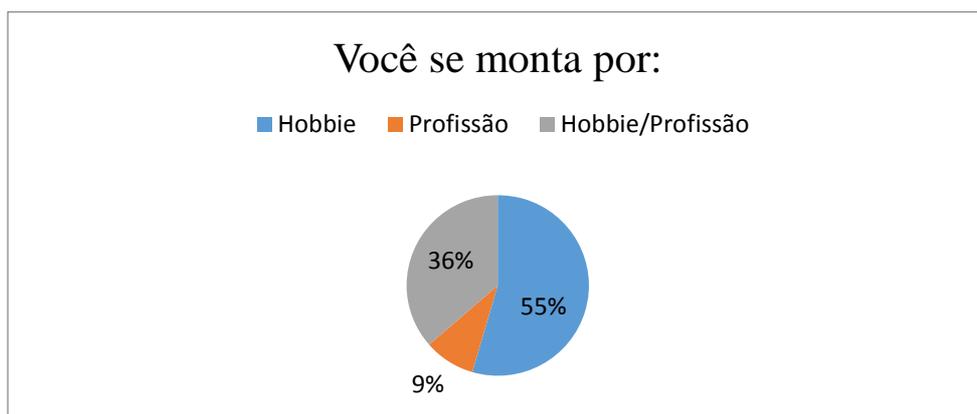
64% das *drag queens* tematizam alguém, já os outros 36% das entrevistadas disseram não se inspirar em ninguém. As que tematizam e se inspiram em alguém para se montar, deram como referência as *drag queens* de São Paulo, a cantora *Beyonce* e a princesa Ariel.

Sexta pergunta: “Você faz performances? ”



80% disseram que sim, que fazem apresentações e os outros 20% das entrevistadas não fazem *performances*. Algumas destas que representam 80% falaram que se fazem apresentações em casas noturnas.

Sétima pergunta: “Você se monta por *hobbie* ou profissão? ”



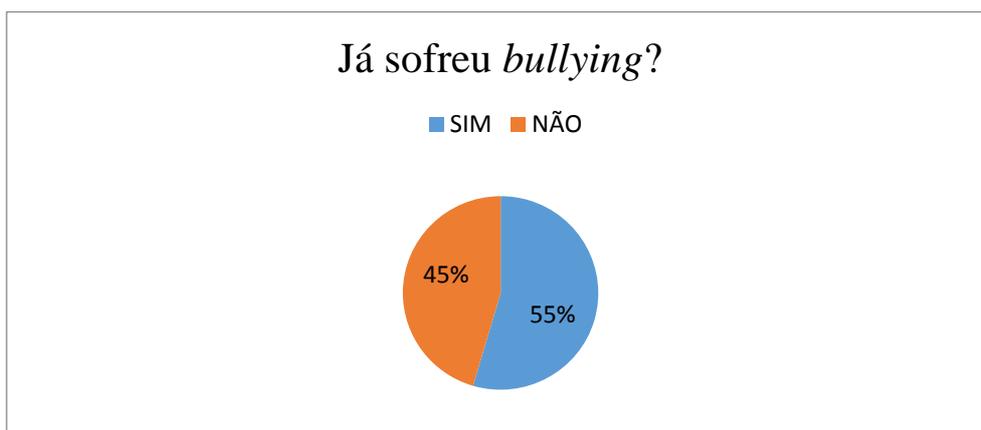
Das entrevistadas, 55% informou que se monta por *hobbie*, 36% respondeu que se monta por *hobbie* e profissão e 9% delas disse que se monta apenas por profissão. Destas que fazem parte da maioria, algumas disseram que se montam apenas em eventos voltados ao público LGBTQ.

Oitava pergunta: “O que é mais importante em uma *drag queen*? O cabelo? A roupa? O sapato ou o conjunto?”



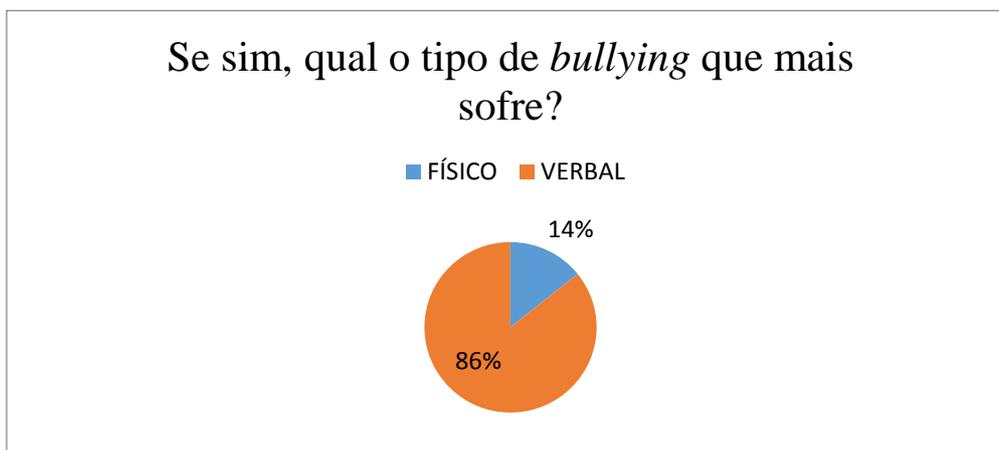
Ao serem questionadas pelo o que é mais importante para uma *drag queen* 73% das entrevistadas disseram que o conjunto todo é o mais importante, 18% delas informaram que a humildade é o mais importante para uma *drag queen* e 9% disse que o conceito de *drag queen* é o mais importante. Algumas ainda falaram que além das características físicas, são necessárias características comportamentais, citando a simpatia como exemplo.

Nona pergunta: “Você já sofreu algum tipo de *bullying*?”



55% das *drag queens* informaram já terem recebido *bullying* e 45% informou não ter recebido. Dentro de um território onde a intolerância LGBTQ está cada vez maior e o Brasil é o país com o maior número de homicídios homofóbicos, o índice de *bullying* sofrido pelas entrevistadas é baixo. Elas dizem que não sofrem *bullying*, mas na análise criminal isso não se confirma. Esse resultado da pesquisa *in loco* seria devido ao local entrevistado?

Décima pergunta: “Se sim, qual o tipo de *bullying* que mais sofre?”



Das entrevistadas, 86% das que já sofreram *bullying* disseram que veio de forma verbal e 14% disse que sofreu *bullying* de forma física. Nem todas as entrevistadas sofreu *bullying* e as que sofreram disseram que não foi algo que lhes afetou de uma forma pejorativa, e sim como algo que lhes dessem mais forças para continuar lutando pela sua aceitação dentro da sociedade.

Neste evento foi possível notar que o empoderamento LGBTQ esteve presente, mas apenas pelo fato de ter sido uma manifestação coletiva, um evento voltado para o

público LGBT. E o empoderamento individual acontece? Aonde estão esses sujeitos no dia-a-dia?

Figura 29: Leona Aquila, Britney Bronxs, Agata Muniz, Pietra Massafra e Nathally Barllat.



Fonte: Acervo pessoal

5.5 SENSIBILIZAÇÃO LGBTQ NOS DIAS ATUAIS

Por trás de toda esta tentativa de igualdade e luta pela aceitação, existe muito preconceito e intolerância com a população LGBTQ. Ainda existe muito preconceito e homofobia no Brasil e fora dele.

Em junho de 2016 foi registrada a maior violência contra o mundo LGBT na história moderna dos EUA. Em Orlando, na Florida a boate *Boxclub Pulse* sofreu um atentado onde, 49 pessoas morreram e algumas ficaram feridas após os disparos feitos por *Omar Matten*, segundo Kasandra Brabaw (2017).

No ano de 2016 foi registrado o maior número de mortalidade para americanos LGBTQ, um total de 77 homicídios LGBTQ, incluindo o atentado a boate. Em um

relatório, a *Nacional Coalition of Anti-Violence Programs* aponta que houve um aumento de 17% de homicídios, sem incluir as vítimas da *Boxclub Pulse*.

Os tipos comuns de violência são agressões físicas, verbais e ameaças e elas vinham de pessoas conhecidas, como familiares, colegas de trabalho, vizinhos.

Após agosto de 2017 houve registro de 33 homicídios de *Hate Crimes* – crime de ódio de pessoas LGBTQ – de acordo com a *Nacional Coalition of Anti-Violence Programs*. Isso equivale a uma morte a cada seis dias. Ultrapassando a violência em 2016, com um registro de 28 homicídios, sem contar com as vítimas da *Boxclub Pulse*, com uma média de morte a cada treze dias.

O Brasil está no topo do *ranking* como o país com maior índice de violências contra LGBT. Só em 2016 foram 343 assassinatos, correspondente à uma morte a cada 25 horas.

“Dos 343 assassinatos, 173 eram gays (50%), 144 (42%) trans (travestis e transexuais), 10 lésbicas (3%), 4 bissexuais (1%), incluindo 12 heterossexuais, como os amantes de transexuais (“T-lovers”), Grupo Gay da Bahia Página 2 além de parentes ou conhecidos de LGBT que foram assassinados por algum envolvimento com a vítima” (MOTT, 2017, p.01)

Em Porto Alegre, a exposição *Queermuseu* – cartografias da diferença na arte brasileira foi cancelada no dia 10 de setembro pelo Santander Cultural. Foi inaugurada em 15 de agosto, recebia 270 obras de 85 artistas e era previsto manter-se aberta ao público até 08 de outubro. A mostra, que tinha como curador Glaudiver Fidalgo, abordava a diversidade de expressão de gênero e questionava o caráter patriarcal e heteronormativo das coleções de arte.

Apologia à pedofilia e zoofilia foram os grandes fatores que influenciaram em movimentos contra a exposição. Uma das obras foi nomeada de “*criança viada*”. Uma imagem em que seu discurso original “desmascara o preconceito e a homofobia através de uma iconografia da cultura pop”, diz o curador no texto explicativo do catálogo da mostra.

Figura 30 – Exposição Queermuseu



Fonte: Site Veja. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/blog/rio-grande-do-sul/veja-imagens-da-exposicao-cancelada-pelo-santander-no-rs/> > Acesso em out. 2017

“Fiquei triste. As pessoas têm o direito de gostar e de não gostar, de querer e de não querer. Mas precisam respeitar. O que a gente precisa é de uma lição de tolerância. Entendo todos os lados. As pessoas não estão preparadas para certas coisas. Isso aconteceu muito na história. Coisas que nos assustam em 2020, não nos assustam em 2040” (SCHWARTSMANN, 2017).³⁷

Após a mostra ter uma grande repercussão negativa nas redes sociais e a campanha do Movimento Brasil Livre (MBL) se voltar contra e até chegar a receber ameaças verbais, o Santander Cultural decidiu fechar a exposição, e com uma nota em sua página no *facebook* resolveu se manifestar:

“Pedimos sinceras desculpas a todos os que se sentiram ofendidos por alguma obra que fazia parte da mostra. O objetivo do Santander Cultural é incentivar as artes e promover o debate sobre as grandes questões do mundo contemporâneo, e não gerar qualquer tipo de desrespeito e discórdia”, afirmou o espaço em sua página na internet. ” (SANTANDER, 2017³⁸)

Explica que o espaço tem como objetivo apresentar trabalho de artistas brasileiros de forma positiva, sem prejudicar ou ofender ninguém. *Queermuseu* acabou não passando a sua verdadeira mensagem e acabou afetando de forma negativa ao público, fazendo com que a exposição fosse cancelada.

Na edição número 2552 da revista *Veja* de outubro de 2017 é apontado um discurso sobre pais de crianças transgêneros (que não condizem com seu sexo biológico), na matéria “Meu filho é trans”.

No Brasil, a quantidade de pessoas trans tem o correspondente a 0,5% da população. A reportagem traz pais de meninas e meninos que não correspondem a sua

³⁷ Gilberto Schwartsmann em entrevista para *Veja*. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/blog/rio-grande-do-sul/tolerancia-e-necessaria-diz-presidente-da-bienal-do-mercosul/>>

³⁸ Santander Cultural em sua página do *facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/SantanderCultural/posts/732513686954201>>

identidade sexual. A revista relata casos onde o apoio da família foi muito importante para estas crianças e que é a aceitação das mesmas nas ruas é onde se tem o preconceito.

Os principais sinais para este transtorno de gênero estão ligados à questão do vestuário, das brincadeiras e a recusa com o próprio corpo. “Ao redor dos 2, 3 anos, uma criança já se identifica como menino ou menina de forma mais definida – e, no caso de transgêneros, a inquietação, a sensação de ser uma peça fora do lugar, pode brotar bem cedo, portanto”. (VIDALE, 2017, p. 79)

Em maio a Universidade *Harvard*, nos Estados Unidos entrevistou 29 responsáveis por crianças trans e apontou que a negação dos pais é o primeiro impacto, depois existe uma tentativa de negociar os locais apropriados para o comportamento e em seguida buscam de profissional da saúde, como psiquiatras ou psicólogos.

A reportagem traz depoimentos de famílias que relatam casos de pessoas trans no início do processo de mudança de gênero. Como o caso da funcionária pública Claudete Maria Boehm, avó de Yann de 12 anos, que assumiu seu novo gênero aos 10 anos e antes era conhecido como Yasmin. Claudete diz: “Diversas vezes eu precisei de atestado médico para que ele fosse dispensado da educação física porque não podia ficar na turma dos meninos e não queria participar da turma das meninas”.

Figura 31 – Claudete e Yann



Fonte: Revista Veja, edição 2552 de outubro de 2017, pg. 78.

Em algumas cidades brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo já existe a não separação dos gêneros nos banheiros e nos brinquedos escolares. As regras são criadas

pela própria instituição, pois ainda não existe lei para isso. A edição da Veja diz também que a aceitação da mudança do masculino para o feminino é menor do que a aceitação da mudança de gênero feminino para o masculino.

“A ciência ainda busca entender o mecanismo que encaminha o desencontro entre mente e corpo. A explicação fisiológica mais aceita envolve alterações cerebrais e hormonais. Haveria um descompasso na produção de hormônios masculinos que circulam no corpo da mãe entre a décima semana de gestação, quando se formam os órgãos genitais, e a vigésima, quando se desenvolve a região responsável pela identidade de gênero.” (VIDALE, 2017, p. 82)

Na edição do dia 14 de novembro de 2017, o programa Jornal do Almoço relatou o caso de um casal de homossexual agredidos no bairro Lagoa da Conceição, localizado em Florianópolis no dia 12 de novembro de 2017, devido à homofobia, intolerância e desrespeito.

As vítimas alegam terem sofrido agressões físicas, como socos e pontapés e que após a agressão foram até a delegacia registrar um boletim de ocorrência e ao chegarem lá, o agente da polícia se recusou a registrar o B.O. e os agrediu verbalmente.

“Na associação em defesa dos direitos humanos com enfoque na sexualidade são registrados por mês em torno de setenta casos de violência como essa. Muitas vezes, a pessoa que sofre a agressão vem aqui antes mesmo de procurar uma delegacia. E o motivo disso está no despreparo de quem deveria garantir a segurança.” (AMARAL, 2017³⁹)

Patrícia Zimmermann – Coordenadora estadual de segurança LGBT diz que se o caso de negação da emissão do boletim for confirmado, o agente será punido com advertência, suspensão ou outra punição prevista dentro da Polícia Civil.

Entre tanto preconceito e homofobia, o Brasil é o país com maior índice de *Hates Crimes* – crimes de ódio contra o público LGBTQ, tanto verbal quanto físico. O termo homofobia “passa a ser popularmente denominado à discriminação, agressão contra homossexuais”. (RESENDE, 2016, p. 33)

É importante salientar que existe a falta de preparo profissional nas áreas públicas para poder lidar com assuntos relacionados a gênero e que, o apoio da família é essencial para ajudar nessas questões que envolvem o preconceito e homofobia contra a população LGBTQ.

³⁹ Edison Amaral, repórter do Jornal do Almoço. Disponível em: < <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/jornal-do-almoco/videos/t/florianopolis/v/casal-gay-e-espancado-e-diz-ter-sido-vitima-de-homofobia-em-florianopolis/6287755/>> Acesso em: 14/11/2017.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa propôs detectar dentro do cenário brasileiro da moda, possíveis influenciadores estéticos do empoderamento LGBTQ, por meio de levantamento de expressões visuais e textuais da contracultura e de figuras das décadas de 60 e 70, que possibilitaram uma rápida historiografia visual da dimensão estética *drag queen* pela alteridade de Leigh Bowery chegando ao empoderamento LGBTQ em nossa contemporaneidade. Sujeitos como, Pablo Vittar, Linn da Quebrada e Liniker estão presentes dentro do cenário da moda e são representantes do empoderamento LGBTQ. Através de campanhas publicitárias, as redes sociais das artistas e programas de televisão, foi possível notar o empoderamento, porém ele acontece por elas serem legitimadas da moda.

Buscou-se também entender o que o termo *queer*, que foi criado na década de 80 como forma pejorativa, problematiza e possibilita hoje um cenário de debates e atitudes que enunciam tanto o desenvolvimento de discursos e de estéticas. Hoje o *queer* representa não somente esses sujeitos LGBTQ, mas também abrange outras categorias sociais como a étnica, de gênero e sexualidade. Representa sujeitos que buscam pela flexibilidade e normalização dentro da sociedade.

Ao fazer a pesquisa *in loco*, foi feito um questionário com onze *drag queens* no evento do “Orgulho da Parada LGBT 2017” na cidade de Florianópolis. E percebeu-se que o empoderamento LGBTQ existe, porém vale a pena ressaltar que o reconhecimento destes sujeitos esteve presente por conta de ser um evento voltado somente para questão LGBTQ em coletivo. Não é comum uma *drag queen* ser vista na rua à luz do dia. Existe muita restrição do reconhecimento do outro. O sujeito LGBTQ ainda não tem força para poder se manifestar com liberdade na rua. O empoderamento acontece no coletivo, porque no testemunho individual, esse empoderamento não existe.

“O ser afeminado, para mim, é muito revolucionário no sentido de dar a cara a tapa. São as *bees* afeminadas que estão ali na posição de frente, elas que levam o baque primeiro, elas são apontadas, levam lâmpada na cara. Se a gente está aqui hoje, dando entrevista, eu montada de *drag*, é porque muita gente morreu e sofreu preconceito para a gente ocupar esse espaço. Isso é fato.” (VITTAR, 2017)⁴⁰

⁴⁰ Pablo Vittar em entrevista para *Trip TV* Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=aUvF8UeiW8M>>.

Constatou-se que, apesar dos avanços no empoderamento LGBTQ através de vetores não somente no cenário da moda, o Brasil é o país com o maior número de homicídios homofóbicos. Em 2004 foi criado o Ministério da Saúde criou o “Brasil sem Homofobia” (Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra LGBT). São estratégias de inclusão da não-discriminação de sujeitos que são julgados pela sua orientação sexual. Resta saber quando será implantado.

Vale lembrar a exposição *Queermuseu* em Porto Alegre que foi inaugurada em 15 de agosto e cancelada dia 10 de setembro. Eram 270 obras de 85 artistas. A mostra abordava a diversidade de expressão de gênero e de diversidade sexual. O encerramento da exposição é um ponto importante a ser considerado dentro dos limites e as tentativas de inclusão dos discursos LGBTQ no cenário brasileiro.

Já a entrevista *in loco* foi essencial para mostrar que o empoderamento LGBTQ esteve presente, mas apenas pelo fato de ter sido uma manifestação coletiva, um evento voltado para o público LGBT de Florianópolis. Uma cidade onde ainda não tem espaço e estrutura o suficiente para suportar estes sujeitos LGBTQ, onde não é possível ver uma *drag queen* a luz do dia, passeando pelas ruas do Centro.

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Bruno. **Documentário – Rainhas da Noite**. Youtube, 08 jan. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3oCiGCQoUsc>> Acesso em: 29/10/17.

AMANAJÁS, Igor. **Drag queen: um percurso histórico pela arte dos autores transformistas**. Disponível em: <<http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/16/drag-queen-um-percurso-historico-pela-artedos-atores-transformistas.pdf>> Acesso em: 29/10/17.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Tradução por Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2007.

BRABAW, Kasandra. **LGBTQ People Are Being Killed At Alarming Rates**. Disponível em: < <http://www.refinery29.com/2017/08/167707/lgbtq-deaths-murders-2017>> Acesso em: 07/10/2017.

BELLEZE, Carolina. **Pablo Vitar mostra sua porção modelo nos bastidores de shooting para Coca-Cola**. Disponível em: <<http://vogue.globo.com/beleza/gente/noticia/2017/10/pablo-vitar-mostra-sua-porcao-modelo-nos-bastidores-de-shooting-para-coca-cola.html>> Acesso em: 30/10/17.

BEZERRA, Flávia. **Liniker: “Sou uma mulher trans e negra. Sair de casa é ameaçador”, diz em entrevista exclusiva à Glamour**. Disponível em: < <http://revistaglamour.globo.com/Na-Real/noticia/2017/07/liniker-sou-uma-mulher-trans-e-negra-sair-de-casa-e-ameacador-diz-em-entrevista-exclusiva-glamour.html>> Acesso em: 20/10/2017.

BIEEL, Eita. **Pablo Vittar da Entrevista para o jornal “O Globo”**. Youtube, 16 set. 2017. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=eLPhb_B2fdw> Acesso em: 20/10/2017.

BIEEL, Eita. **Pablo Vittar da Entrevista pro G1**. Youtube, 7 out 2017. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=H9MpkcoceQw>> Acesso em: 19/10/2017.

BOWERY. **Leigh Bowery Interview Gary Glitter**. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=uZlf-5OeVO0&t=174s>> Acesso em: 21/11/2017.

C. Alex. Pablo Vittar – Minaj. Youtube, 20 mai 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YR8rWGWzJr4>> Acesso em: 01/11/2017.

CATRACA LIVRE. **MBL e Santander são acusados de censurar exposição cultural.** Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/mbl-e-santander-sao-acusados-de-censurar-exposicao-cultural/>> Acesso em: 08/10/2017.

CHABBOTT, Sophia. **What Miley Cyrus, Lady Gaga, J.Lo, and Others Wore to Meet Queen Elizabeth.** Disponível em: <<https://www.glamour.com/story/what-miley-cyrus-lady-gaga-jlo>> Acesso em: 26/11/2017.

CHEVALIER, Jean, Gheerbrant, Alain. **Dicionário de Símbolos - Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.** 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

CHIDIAC, Maria Teresa Vargas; OLTRAMARI, Leandro Castro. **Ser e estar drag queen1 : um estudo sobre a configuração da identidade queer.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a09v09n3.pdf>> Acesso em: 29/10/17.

ELLE. **Nike e Converse lançam coleção em homenagem à população LGBTQ.** Disponível em: <<https://elle.abril.com.br/moda/nike-e-converse-lancam-colecao-em-homenagem-a-populacao-lgbtq/>> . Acesso em: 08/10/2017.

GLOBOPLAY. **Pablo Vittar é um fenômeno pop trans.** Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6066070/>> Acesso em: 20/10/17.

GOY, Vânia. **O corpo ideal é o seu.** Marie Clarie, edição 320. Editora Globo. Novembro de 2017.

GREER, Fergus. **The Legend of Leigh Bowery.** Disponível em: <<https://agnautacouture.com/2014/11/09/the-legend-of-leigh-bowery-part-one/>> Acesso em: 21/11/2017.

GUARNIERI, Lucas. **Modelo trans usa vestido composto por bandeiras de países onde ser LGBT é contra lei.** Disponível em: <<https://elle.abril.com.br/moda/modelo-trans-usa-vestido-composto-por-bandeiras-de-paises-onde-ser-lgbt-e-contra-a-lei/>> Acesso em: 01/10/2017.

HINGH, Valentijn. **Instagram**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BIvKhfcgTU8/?taken-by=valentijndehingh>> Acesso em: 01/10/2017.

JA. **Casal gay é espancado e diz ter sido vítima de homofobia em Florianópolis**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/jornal-do-almoco/videos/t/florianopolis/v/casal-gay-e-espancado-e-diz-ter-sido-vitima-de-homofobia-em-florianopolis/6287755/>> Acesso em: 14/11/2017.

JACOB, Fernanda. **“O mundo não precisa de mais um desfile”, diz Ronaldo Fraga**. Disponível em: <<https://elle.abril.com.br/moda/o-mundo-nao-precisa-de-mais-um-desfile-diz-ronaldo-fraga/>> Acesso em: 01/10/2017.

JOKURA, Tiago. **Como foi o festival Woodstock?** Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/musica/como-foi-o-festival-de-woodstock/>> Acesso em: 26/11/2017.

JUNIOR, Gilberto. **Pablo Vittar comenta sucesso: ‘continuo com os pés no chão’**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/ela/gente/pablo-vittar-comenta-sucesso-continuo-com-os-pes-no-chao-21825885>> Acesso em: 01/11/2017.

JUNIOR, Pedro. **Wigstock Legendado by RuPaul**. Youtube, 01 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gp4mcOWpwO4>> Acesso em: 24/11/2017.

LEVIS. **Estilo levis**. Disponível em: <<http://www.levi.com.br/pride-collection>> Acesso em: 01/10/17.

LINN DA QUEBRADA. **Instagram**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/linndaquebrada/>> Acesso em: 11/10/2017.

LINIKER. **Instagram**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/linikeroficial/>> Acesso em: 10/10/2017.

LIPOVETSKY, Guilles. **O império do efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOMAZZI, Giorgio. **Um consumo ideológico**, in *Psicologia do Vestir*. 3. ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.

LOURO, Lopes Guaciara. **Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**; Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**; Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. RJ: Vozes, 1996.

MADEIRA, Marcio. **Vogue. Fall 2009 Ready-To-Wear – Alexander McQueen**. Disponível em: <<https://www.vogue.com/fashion-shows/fall-2009-ready-to-wear/alexander-mcqueen/slideshow/collection#4>> Acesso em: 21/11/2017.

MAUS, Stephan. **Androginia e a Modelagem Unissex**. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4825/3/AP_CODEM_2012_2_6.pdf> Acesso em: 21/11/2017.

MAGZINE, Rouge. **Kulture Pusher – Leigh Bowery**. Disponível em: <<http://roguemagazine.com/post/108597955816/kulture-pusher-leigh-bowery>> Acesso em: 21/11/2017.

MENDES, Valerie; HAYE de La Amy. **A moda do século XX**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MENDONÇA, Heloísa. **Queermuseu: O dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html> Acesso em: 01/10/2017.

MENEGOLA Maximiano; SANT'ANNA, Martins Ilza. **Por que Planejar? Como Planejar?**. 16 ed. Petrópolis: RJ, Vozes, 2008.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer das Diferenças: por uma analítica da normalização**. Tese, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>> Acesso em: 08/11/2017.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**; Belo Horizonte: Autentica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2013.

MISS V. **Leigh Bowery on the Clothes Show (BBC, 1986)**. Youtube, 24 jul. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=avPi_JWuS_I> Acesso em: 21/11/2017.

MOTT, Luiz; MICHELS, Eduardo; Paulinho. **Relatório 2016. Assassinatos de LGBT no Brasil.** Tese. Disponível em: < <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf> >. Acesso em 01/10/17.

NAVARRO, Roberto. **Quem foram os Panteras Negras?** Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/historia/quem-foram-os-panteras-negras/>> Acesso em: 26/11/2017.

PAES, Casarin Carolina. **O Apolíneo e o Dionisíaco no Pensamento de Nietzsche.** Tese, 2013. Disponível em: <<https://dialogosliterarios.files.wordpress.com/2013/12/40.pdf>> Acesso em: 26/11/2017.

PAUL, Flora. **Ronaldo Fraga fez um desfile apenas com modelos trans e foi emocionante.** Disponível em:< https://www.buzzfeed.com/florapaul/desfile-do-ronaldo-fraga-foi-emocionante?utm_term=.ubXljgYB#.er14yyP5J > Acesso em: 01/10/2017.

PEREIRA, Morgado Caroline. **Os jovens e a contracultura brasileira.** IARA – Revista de Moda, Cultura e Arte. Vol. 8 no 2 – Janeiro de 2016, São Paulo: Centro Universitário Senac. Disponível em: < http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2016/03/61_Iara_artigo_revisado.pdf> Acesso em: 16/11/2017.

PHILIPIS, Dom. **Brazil's LGBT pop sensation: 'I want to give them strength'.** Disponível em: < <https://www.theguardian.com/world/2017/oct/20/pablo-vittar-brazil-gay-drag-queen-pop-star>> Acesso em: 30/10/17.

PIMENTEL, Julia. **Orgulho LGBTQ: Levi's lança coleção agênero e doa lucro para instituições que apoiam a diversidade. Entenda!** Disponível em: < <http://www.heloisatolipan.com.br/moda/orgulho-lgbtq-levis-lanca-colecao-agenero-e-doa-o-lucro-para-instituicoes-que-apoiam-diversidade-entenda/>> Acesso em 01/10/2017.

PLUS LIVE SHOWW. **Pablo Vittar – Comercial Camisinha | Ministério da Saúde.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=xgHPULmannA>> Acesso em: 15/11/2017.

RAWANIMAL. **Leigh Bowery on The Clothes Show 1988.** Youtube, 20 mai. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=om0MrCOXPcE&t=52s>> Acesso em: 21/11/2917.

REDAÇÃO, **Trans usa vestido com bandeiras de 72 países onde ser gay é crime.** Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/trans-usa-vestido-com-bandeiras-de-paises-onde-ser-gay-e-crime/>> Acesso em: 22/09/2017.

RESENDE, da Silva Livia. **Homofobia e Violência contra População LGBT no Brasil: Uma visão Narrativa.** Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/16212/1/2016_LiviaDaSilvaRezende_tcc.pdf> Acesso em: 21/11/2017.

RODINI, Rosana. **RAINBOW POWER. Representantes multifacetadas e EMPODERADAS da cena LGBTQ, elas fazem música com discurso forte, cantam a INCLUSÃO e o respeito para derrubar preconceitos. Não é trans-art, é ARTE. Com muita LACRAÇÃO.** Vogue Brasil, edição 468. Globo Condé Nast. Agosto de 2017.

SANTANDER-CULTURAL. **Nota Sobre a Exposição *Queermuseu*.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/SantanderCultural/posts/732513686954201>> Acesso em: 21/10/2017.

SANTOS, de Souza Jordana. **O papel dos movimentos sócio-culturais nos “anos de chumbo”.** Baleia na Rede. Revista Online. Vol. 1, nº 6, Ano VI, Dez/2009. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/BaleianaRede/Edicao06/6c_o_papel_dos_movimentos_culturais.pdf> Acesso em: 16/11/2017.

SPERB, Paula. **Veja imagens da exposição cancelada pelo Santander, no RS.** Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/rio-grande-do-sul/veja-imagens-da-exposicao-cancelada-pelo-santander-no-rs/>>. Acesso em: 08/10/2017.

STEIN, Stella. **Leigh Bowery on South of Watford Part 1.** Youtube, 01 jan. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SRpaRXjL0wg&t=11s>> Acesso em: 21/11/2017.

STEVE, Lee. **Rainbow Fashion Week inicia a NYC Pride Week.** Disponível em: <<http://lgbtweekly.com/2017/06/28/rainbow-fashion-week-kicks-off-nyc-pride-week/>> Acesso em: 03/10/2017.

TEIXEIRA, Leonardo Aldemir. **O Movimento Punk no ABC Paulista**. Disponível em: < file:///C:/Users/User/Downloads/Aldemir%20Leonardo%20Teixiera.pdf > Acesso em: 22/11/2017.

TERTO, Amauri. **A resposta do Santander Cultural após cancelar exposição queer em Porto Alegre**. Disponível em: < http://www.huffpostbrasil.com/2017/09/11/a-resposta-do-santander-cultural-apos-cancelar-exposicao-queer-em-porto-alegre_a_23204315/ > Acesso em: 01/10/2017.

TIMOTHY, Dumas. **A Woodstock Moment – 40 Years Later**. Disponível em: < <https://www.smithsonianmag.com/arts-culture/a-woodstock-moment-40-years-later-33569550/> > Acesso em: 26/11/2017.

TORRES, Leonardo. **Rock in Rio: POPline cria ranking com os melhores shows do primeiro fim de semana**. Disponível em: < <http://portalpopline.com.br/rock-rio-popline-cria-ranking-com-os-melhores-shows-primeiro-fim-de-semana/> > Acesso em: 10/10/2017.

TRIPTV. **Pablo Vittar é bonita, bebê!** Youtube, 16 fev 2017. Entrevista com Pablo Vittar. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=aUvF8UeiW8M> > Acesso em: 02/10/2017.

TROUG, Kimberly. **2016 Was The Deadliest Year On Record for LGBTQ Americans**. Disponível em: < <http://www.refinery29.com/2017/06/158606/lgbtq-violence-2016-report> > Acesso em: 07/10/2017.

TVBRASIL. **A voz de Liniker no Estação Plural**. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Fb7VWWdLSE4> > Acesso em: 21/10/17.

TVBRASIL. **Linn da Quebrada no Estação Plural**. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=bSfk-tgeIzk&t=82s> > Acesso em: 21/10/17.

VANITYFAIR. Lady Gaga Slide Show 09/2010. Disponível em: <<https://www.vanityfair.com/culture/photos/2010/09/lady-gaga-slide-show-201009>> Acesso em: 26/11/17.

VENCATO, Ana Paula. **“Fervendo com as drags”: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina**. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/84381/183795.pdf?sequence=1>
> Acesso em: 29/10/17.

VIDALE, Giulia. **A saga de ter um filho transgênero**. Veja, Editora ABRIL. Edição 2552 – ano 50 – nº 40. Outubro de 2017.

VITTAR, Pablo. **Corpo Sensual (feat. Mateus Carrilho)**. Youtube, 6 set 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q6Lw6k7k9Rk>> Acesso em: 17/10/2017.

VITTAR, Pablo. **Instagram**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/pablovittar/>> Acesso em: 02/10/2017.

WOWPresents. **MarcoMarcoShow Collection Six 1/2 LA Style Fashion Week "Day"**. Youtube, 16 out. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ek2LvcN3wFc>> Acesso em: 07/11/2017.